

Agropecuária em Rondônia: ...
1992 LV-PP-4199



CPAF-RO-936-2

ISSN 0103-9865

2.ª EDIÇÃO - Maio/95

AGROPECUÁRIA EM RONDÔNIA "UM DIAGNÓSTICO"



30.72098175

192a

995



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura e Reforma Agrária – MARA
Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia – CPAF – Rondônia
Porto Velho-RO



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura e Reforma Agrária - MARA
Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia - CPAF-Rondônia
Porto Velho-RO

630.72098175
S1920
1995

INVENTÁRIO
2001

AGROPECUÁRIA EM RONDÔNIA
- UM DIAGNÓSTICO -

Id.
936

Nelson Ferreira Sampaio
Neuza Rolim Sampaio
Luis Carlos Coelho de Menezes

Porto Velho, RO
1995

EMBRAPA/CPAF - Rondônia Documentos 25

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

EMBRAPA-CPAF-Rondônia
BR 364, Km 5,5, Caixa Postal 406
Telefones: (069) 222-3070 e 222-3080
Porto Velho-RO
CEP 78.900-000

Tiragem: 1ª Edição - 200 exemplares
 2ª Edição - 500 exemplares

Comitê de Publicações (1ª revisão)

- Antonio Neri Azevedo Rodrigues
- Francelino Goulart da Silva Netto
- Marília Locatelli
- Newton de Lucena Costa
- Ricardo Gomes de Araújo Pereira
- Tânia Maria Chaves Campelo - Normalização
- Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira - Presidente
- Wilma Inês de França Araújo - Revisão gramatical

Comitê de Publicações (Parecer final)

- Abadio Hermes Vieira
- Alberto William Viana de Castro
- André Rostand Ramalho
- Francisco das Chagas Leônidas
- Paulo Manoel Pinto Alves
- Tânia Maria Chaves Campelo - Normalização
- Vânia Beatriz V. de Oliveira - Presidente
- Wilma Inês de França Araújo - Revisão gramatical

SAMPAIO, N. F. Agropecuária em Rondônia: um diagnóstico.
Porto Velho: EMBRAPA-CPAF/Rondônia, 1992. 66p. (EMBRAPA,
CPAF- Rondônia. Documentos, 25).

1. Agropecuária-Diagnóstico-Brasil-Rondônia. I. EMBRAPA
Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia, Porto Velho-RO. II. Título.
III. Série

CDD 630.72098175

[c] EMBRAPA - 1992

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
1. INTRODUÇÃO	07
2. A ATIVIDADE AGROPECUÁRIA E FLORESTAL NO ESTADO	08
3. PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE E A ECONOMIA DE PRODUÇÃO	11
4. PROBLEMAS DA TECNOLOGIA DE EXPLORAÇÃO	13
4.1. Os solos de Rondônia	14
4.2. Florestas	15
4.3. Culturas perenes	15
4.3.1. Café	16
4.3.2. Cacau	16
4.3.3. Seringueira	17
4.3.4. Pimenta-do-reino	17
4.3.5. Banana	18
4.3.6. Cupuaçu	18
4.3.7. Guaraná	19
4.3.8. Palmito	19
4.3.9. Citros	19
4.3.10. Urucu	20
4.3.11. Fruteiras e outros cultivos perenes	20
4.4. Culturas anuais	21
4.4.1. Arroz	21
4.4.2. Milho	22
4.4.3. Feijão	22
4.4.4. Mandioca	23
4.4.5. Hortaliças	24
4.4.6. Soja	24
4.4.7. Algodão	25
4.4.8. Outras culturas	26
4.5. Pecuária	26
5. ASPECTOS REGIONAIS DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO	28
5.1. Porto Velho	28
5.2. Guajará-Mirim	31
5.3. Ariquemes	35
5.4. Ji-Paraná	41
5.5. Cacoal - Pimenta Bueno	48
5.6. Vilhena - Colorado	57

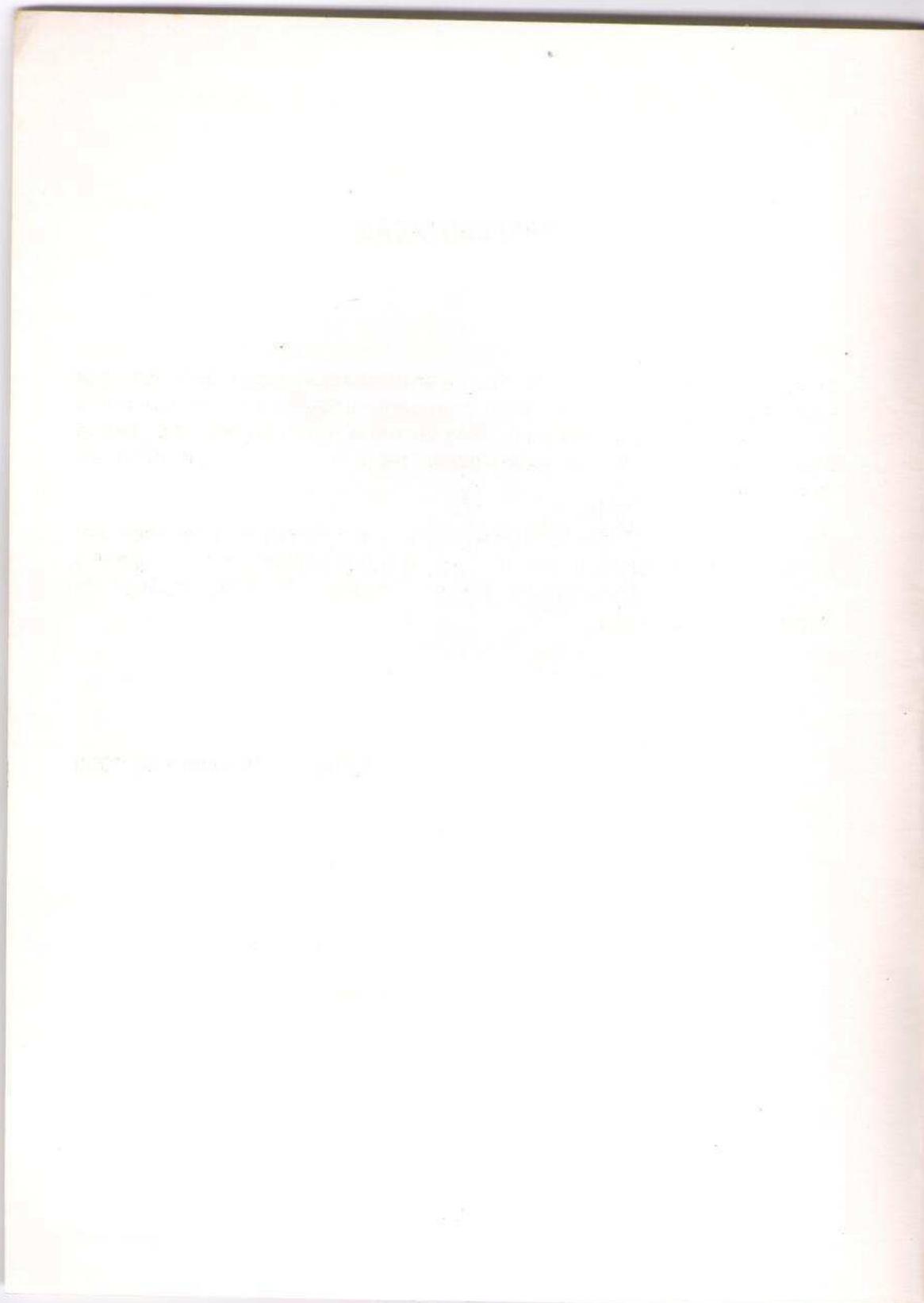
6. SUGESTÕES DE PROGRAMAS DE APOIO À PRODUÇÃO RURAL PARA UMA AÇÃO DE GOVERNO	63
6.1. Programa Integrado de Produção de Sementes	64
6.2. Programa Integrado de Produção de Mudas Seleccionadas	64
6.3. Programa de Polos Agropecuários Preferenciais	64
7. CONCLUSÃO	65
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

APRESENTAÇÃO

O início de um novo período de governo ensejou maior demanda por informações agropecuárias. Com o presente trabalho o CPAF-Rondônia responde a referida demanda, organizando um conjunto de dados básicos e ordenando as expectativas para os diversos produtos de Rondônia.

Para o público preferencial de técnicos e empresários engajados em planejamento e desenvolvimento rural, o autor espera contribuir para a racionalização das questões básicas ligadas a agropecuária de Rondônia.

Porto Velho, dezembro de 1990



AGROPECUÁRIA EM RONDÔNIA: um diagnóstico^①

Nelson Ferreira Sampaio^②

Neuza Rolim Sampaio^③

Luiz Carlos Coelho de Menezes^④

1. INTRODUÇÃO

As mudanças e reformas que estão em curso por iniciativa do Governo Federal, dentro da proposta de modernização, exigem um planejamento criterioso das atividades ao nível dos Estados da Federação. Mais do que antes, a definição de uma política agrícola que privilegia os segmentos mais produtivos, seja pela sua tecnologia, seja pela localização em relação aos mercados, impõe que os estados de fronteira agrícola, identifiquem suas oportunidades de crescimento e a modernização, desenvolvendo os setores onde possuam, ou possam desenvolver, um adequado nível de competitividade.

Rondônia representa uma situação ímpar dentro da Amazônia, pois sua estrutura de estradas e sistema fundiário permite respostas rápidas às políticas de fomento à produção. Desde que viabilizada a sua comercialização, capaz de garantir ao produtor um melhor nível de renda, fecha-se um ciclo de ação governamental que se iniciou com fomento. O desafio maior está em se identificar corretamente os pontos de estrangulamento e atuar onde o Estado tenha eficácia, deixando para a iniciativa privada a execução empresarial. Criar condições para o surgimento desta base empresarial parece ser papel nobre do Estado. A proximidade dos mercados dos países andinos, aliada às perspectivas da abertura para o Pacífico, colocam Rondônia em situação privilegiada, sendo promissor o resultado dos esforços visando um cenário futuro que inclua essas alternativas. A saída de produtos via rio Madeira, para alcançar o mercado internacional, através do Porto de Itacoatiara, também se destaca como possibilidade de melhoria de comercialização.

1. Trabalho elaborado em dezembro de 1990

2. Eng^o. Agr^o. Ph.D., EMBRAPA/Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia (CPAF-Rondônia), Caixa Postal 406, BR 364, Km 5,5, CEP 78900-000, Porto Velho-RO.

3. Economista

4. Eng^o. Agr^o., MSc. EMBRAPA/CPAF-Rondônia

As fontes oficiais de informação para conhecimento da realidade agropecuária e florestal de Rondônia são restritas. Assim, predominam os dados subjetivos, o que pode trazer algum viés ao quadro levantado. Buscando minimizar esse risco, foram desenvolvidos contatos com entidades e pessoas em várias regiões do Estado, sistematizando a informação e estabelecendo um consenso em torno dos problemas centrais.

O objetivo desse trabalho é reunir um conjunto de informações, visando oferecer alguns subsídios para um plano de desenvolvimento agropecuário e florestal do Governo do Estado, na gestão que se inicia em março de 1991.*

2. A ATIVIDADE AGROPECUÁRIA E FLORESTAL NO ESTADO

A BR 364, no trecho Ariquemes-Pimenta Bueno, concentra a maior parte da atividade agropecuária e madeireira do Estado. No sul Vilhena e Colorado, também se destacam com um ritmo semelhante ao encontrado na região central da BR 364. Porto Velho, Guajará-Mirim e Costa Marques são regiões marginais, em termos de produção agropecuária. Através do POLONOROESTE, foram criados os núcleos Urbanos de Apoio Rural, muitos deles hoje na condição de municípios, estruturando, uma base urbana para a população. A maior evidência de resultado positivo do programa POLONOROESTE, sem dúvida foi criar essa urbanização. O crescimento e desenvolvimento, não se faz sem uma base urbana relativamente maior e capaz de atender o êxodo rural decorrente da modernização das atividades agropecuárias, condição indispensável para se alcançar uma agricultura de mercado.

Através de serrarias rudimentares, modernas serrafitas, e em alguns casos de indústrias de laminação, a atividade florestal do Estado tem sido muito dinâmica. Por outro lado, apenas algumas iniciativas isoladas tem procurado utilizar o reflorestamento como forma de garantia de preservação da atividade para o futuro. Há um grande descompasso entre as intenções de um manejo sustentado para a floresta, a utilização de sistemas agroflorestais, visando produção de madeira e os preços praticados pelo segmento madeireiro ao nível da propriedade rural. Hoje, muitos produtores não contam com a venda da madeira proveniente das derrubadas, tendo em vista o desinteresse de aquisição das madeiras "brancas" ou a distância que desestimula o comprador. Em qualquer dos casos, é muito comum a madeira ser queimada, doada ou então vendida a preço simbólico. No caso das

madeiras nobres, o preço pago na propriedade representa em torno de 10% do preço da serraria para o revendedor ou industrial. A definição de uma política florestal para o Estado, onde seja objetivo fundamental tornar a atividade madeireira uma ocupação permanente, capaz de envolver os colonos como fornecedores de matéria-prima, deve ser discutida com os empresários do setor. Com a preocupação ambientalista atual, existe uma tendência favorável de se viabilizar recursos para financiamento de atividades na área florestal, o que poderia ser adequadamente aproveitado em um programa de recuperação de áreas desmatadas e utilização auto-sustentada de florestas naturais.

As restrições de crédito e mercado para os produtos, tem dificultado a atividade rural no Estado, havendo um visível empobrecimento dos colonos, sendo exceção aqueles que conseguiram algum progresso econômico nos últimos anos. Os preços do cacau e café foram os principais responsáveis pela perda de estímulo dos produtores. Um efeito imediato dessa crise é uma aceleração no ritmo do êxodo rural tornando crítica a situação das populações marginais nas principais cidades do Estado. Com a explicitação das medidas previstas na política agrícola do Governo Federal, há uma tendência de responsabilizá-las pela atual situação, o que não corresponde a realidade, embora alguma influência elas possam ter. Na verdade, a falta de competitividade do produtor de Rondônia é causa do insucesso. Os baixos preços aliados a baixa produtividade e deficiente qualidade dos produtos, impedem que se estabeleça uma dinâmica de agricultura de mercado no Estado. Também há que se entender que alguns produtos, mesmo com produtividade e qualidade adequadas como os grãos em geral - não terão competitividade em relação àqueles do centro sul, na atual situação de comercialização. A expectativa é que esses produtos atendam o mercado interno e, atingindo os padrões de produtividade e qualidade, passem a disputar os mercados regionais, incluídos àqueles dos países andinos.

Através do associativismo, há uma tendência dos produtores se organizarem, de forma a melhor defender seus interesses. Deverá ser preocupação do Estado identificar os núcleos de produtores com potencialidade de crescimento e modernização e, através de incentivos, seja de assistência técnica ou fomento, facilitar o desenvolvimento dessas comunidades ou grupos formais.

Uma das grandes questões, hoje em discussão no Estado, é a expansão acelerada da pecuária em detrimento das áreas de lavoura. Os números que ilustram esta situação constam dos quadros das estatísticas municipais. Quando se considera as áreas plantadas como um todo, a tendência das culturas ainda é de aumento (Quadro 1). A resposta ao problema não pode ser encontrada pela restrição à atividade pecuária, mas sim pela sua adequação às expectativas de exploração da Amazônia. Criar condições atraentes para os cultivos e ajustar a pecuária a sistemas agroflorestais, são caminhos para o adequado encaminhamento da questão.

Na Tabela 1, mostra a evolução da área plantada, dos principais produtos da lavoura, em Rondônia, referentes ao período de 1986 a 1989.

TABELA 1 - Estatística da produção agrícola de Rondônia.

PRODUTO	ÁREA OCUPADA (Ha)			
	1986	1987	1988	1989
Arroz	158.728	136.913	154.408	149.643
Feijão	92.319	75.719	101.330	122.073
Milho	107.799	106.776	145.454	157.985
Mandioca	23.702	26.722	28.613	28.640
Banana	19.307	14.915	20.862	20.793
Cacau	41.578	29.988	38.825	38.384
Café	84.663	105.870	106.860	138.483
Soja	—	8.180	4.500	9.000
Algodão	—	—	5.875	13.676
TOTAL	528.101	505.083	606.927	678.677

Fonte: Levantamento sistemático da produção agrícola - IBGE (1987, 1988, 1989 e 1990)

O rebanho bovino apresentou grande expansão, evoluindo de 384.307 cabeças (1986) para 1.594.201 cabeças (1989). Grande parte desse aumento se deve a expansão dos rebanhos mistos, que viabilizam inúmeras bacias leiteiras ao longo da BR 364 e fora dela, como é o caso de Colorado d'Oeste e Espigão

d'Oeste. Também merecem destaque os rebanhos de suínos, 894.954 cabeças em 1989 e as aves com 5.957 mil cabeças, nesse mesmo ano. O interesse pelos pequenos ruminantes também se evidenciam. Na Tabela 2, estão caracterizados os rebanhos e sua evolução, período de 1986 a 1989.

TABELA 2 - Número de cabeças, relativo aos rebanhos de Rondônia, no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	884.307	1.051.067	1.247.898	1.594.201
Bubalinos	11.819	12.329	14.933	18.122
Equinos	43.336	46.429	51.220	56.016
Asininos	5.237	5.321	6.323	6.259
Muares	29.930	32.342	35.690	36.491
Suínos	558.954	712.463	780.612	894.954
Ovinos	15.857	16.849	20.973	23.920
Caprinos	17.421	20.484	25.640	27.088
Aves	4.142.543	5.272.059	5.809.917	5.947.592

Fonte: Levantamento sistemático da produção agrícola - IBGE (1987, 1988, 1989 e 1990).

3. PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE E A ECONOMIA DE PRODUÇÃO

O conjunto de leis já existentes, somado às iniciativas de criação de parques nacionais e estaduais, reservas indígenas, florestas extrativistas e reservas ecológicas são mais que suficientes para garantir um adequado nível de preservação ambiental, em Rondônia. Em termos de espaço total, duas são as condições que se impõem, para que isso aconteça, de fato: garantia de respeito aos limites das reservas naturais, e fazer valer, ao nível de propriedade a preservação prevista, como proteção de mananciais e encostas e manutenção da área legal com cobertura florestal. Para que a política de preservação se amplie, deverá ser criado um projeto para identificação de situações localizadas e críticas, onde medidas de preservação devam ser implementadas. Um exemplo. Podem ser as populações de espécies em perigo de extinção.

Se por um lado podem ser consideradas exageradas as preocupações com o desmatamento, em Rondônia, tendo em vista os dados acima, por outro lado, o sistema de uso da terra na agropecuária, justifica as fortes pressões, no sentido de se evitar o desmatamento. Também vale a pena considerar que o processo desenvolvido em Rondônia, certamente não poderá se repetir em outras partes da Amazônia, pelo menos por dois motivos básicos: a perda de prioridade das fronteiras agrícolas na política do governo Federal e a falta de capital disponível para alimentar um processo de ocupação similar.

Racionalizar a ocupação das áreas já desmatadas é uma prioridade, mas também, complementar ao nível de propriedade a abertura de novas áreas, podendo ser rotina a ser aceita sem necessidade de resistência. O que se impõe é a definição de novas tecnologias de exploração que possam otimizar o uso do potencial natural. A estratégia deverá visar a estruturação de agroecossistemas autosustentados, onde a potencialidade dos recursos originais sejam efetivadas. O objetivo é atingir uma melhor condição de produtividade, pela agregação de insumos, capazes de corrigir as deficiências naturais, sem aceleração do desgaste dos recursos ambientais.

Os exemplos de degradação do ambiente pelo uso da terra em atividades agropecuárias tem sido citados em toda a Amazônia. São extremismos os alertas para a formação de desertos, em função da atividade econômica. Os casos comprovados são excessos e se devem a inadequação da escolha da área ou tecnologias de produção. Na verdade o que se faz necessário é obter eficiência produtiva, pois a maioria das vezes o declínio da atividade produtiva, não ocorrido em função da perda de fertilidade do solo, já regra geral muito baixa, mas sim devido a dificuldade de controle de ervas invasoras. Também é evidente não ser possível se desenvolver um processo moderno de produção, sem uso de insumos. A escolha das culturas e do nível de consumo de adubos e defensivos são ponto essencial para se chegar a um agroecossistema estável. A exploração econômica não é incompatível com uma adequada manutenção das condições do ambiente natural, mas sim com a indefinição de mercado e formas deficientes de comercialização. A marca maior da atividade econômica na Amazônia será a grande proporção da área mantida sob proteção, mesmo porque em Estados como o Amazonas, a tradição de uso e a própria extensão territorial garantirão percentual ainda maior à mata nativa que em Rondônia. O restante das terras adequadamente escolhidas, terão que receber tecnologia modernas para garantir produção competitiva.

A atividade florestal sustentada e os sistemas agroflorestais, tem despertado grande interesse nos segmentos mais esclarecidos do movimento ambientalista. São formas de se manter uma cobertura vegetal natural ou reconstituída, com alguma semelhança em relação a mata original. Esses sistemas de uso, sem dúvida atendem as expectativas de conservação de solo e podem vir a representar grande importância no sistema de uso da terra na Amazônia. O desafio está em torná-los competitivos, as espécies cultivadas ou utilizadas em enriquecimento deverão ter alta potencialidade econômica.

A compatibilização da agricultura de mercado com a conservação ambiental terá que se fazer com o atendimento das necessidades do mercado interno do Estado e a geração de excedentes ou produtos exportáveis. Áreas privilegiadas para a produção de grãos, deverão receber alta tecnologia e mecanização intensiva, para maximização da produtividade, ainda que com ajustes que tornem o sistema autosustentado na região. O uso intensivo de cultivos perenes, deverá predominar como atividades produtivas. A consorciação de cultivos e o uso econômico das áreas com vegetação natural, através de manejo, são alternativas a serem exploradas. Os sistemas agroflorestais compõem esse quadro. A integração da exploração agrícola, pecuária e florestal dentro do desenvolvimento das comunidades é imprescindível. Alguns cuidados especiais para se evitar largas extensões de cultivo, a semelhança do centro sul, terão que ser tomados, principalmente em culturas como algodão, onde o intensivo uso de insumos daquelas regiões não poderá se repetir, tanto em função dos danos ao ambiente, quanto ao comprometimento da economicidade. A estratégia deve ser a preocupação com a preservação ambiental em termos de Estado e regiões, mas ao nível de propriedade, respeitadas as normas legais, a produtividade e autosustentabilidade devem ser os critérios maiores. Esta autosustentabilidade está intimamente ligada aos princípios de conservação dos recursos naturais, desejo comum de todos que se preocupam com a natureza e com o futuro.

4. PROBLEMAS DA TECNOLOGIA DE EXPLORAÇÃO

Um grupo de técnicos de diversos órgãos do Estado, reuniram-se em uma subcomissão de pesquisa vegetal, em 1990, para discutir os problemas das culturas ligadas a tecnologia de produção. Parte das considerações a seguir, se basearam no relatório apresentado pelo grupo, do qual participaram os autores desse trabalho.

4.1. Os solos de Rondônia

O problema do conhecimento e uso dos solos do Estado ganhou expressão maior nos últimos anos. A aceleração do processo migratório, com a ocupação de novos projetos de colonização, nos anos 80, fez surgir situações críticas devido ao uso irracional dos solos. São exemplos disto, a mecanização de areias quartzosas nos cerrados, a intensificação da agricultura nos solos com declividade acentuada, na região sudoeste do Estado e a ocupação dos Latossolos álicos na região de Machadinho. Fator paralelo a esta realidade, é a crescente preocupação internacional com o ambiente amazônico e, em especial, com o uso da terra em Rondônia.

A ocorrência de um período seco definido, no clima de Rondônia, torna determinante os trabalhos de disponibilidade de água no solo. Culturas perenes como o café e a pimenta-do-reino, tem sua produtividade determinada, predominantemente, pela intensidade do período seco. Há necessidade de se definir sistemas de manejo solo-cultura, capazes de minimizar as perdas de água no período seco. Em contrapartida, as elevadas precipitações de outubro/abril, também exigem a definição de sistemas de manejo do solo, visando um mínimo de exposição direta a chuva, causa primeira dos processos erosivos.

O alto custo dos adubos e corretivos, a carência de capital da grande massa dos produtores e a ocupação de solos com fertilidade muito diferenciada, exigem tecnologias alternativas de uso de insumos, demandando para isto um grande volume de pesquisas.

A região de cerrado apresenta características próprias. A agricultura mecanizada e com uso intensivo de insumos modernos, exige a otimização do consumo de adubos e corretivos. Os estudos de fertilidade, com ênfase nos efeitos residuais dos adubos, poderá definir economia de custos fundamentais para viabilizar a competição com a produção de outras regiões, contribuindo para neutralizar, em parte, o efeito dos preços dos fretes. Ainda no cerrado, a ocorrência de solos variados, torna importante a definição de sistemas de produção adequados a cada tipo. Assim, se eliminaria insucesso devido ao uso de solos inadequados, que desencanta o produtor e agride o ambiente. Dentro dos aproximadamente 1.000.000 hectares dos cerrados de Rondônia, é preciso mapear as áreas com potencial agrícola, distinguindo-as daquelas com vocação florestal, especialmente.

O cuidado com o uso dos solos se impõe, tendo em vista a sua heterogeneidade, mesmo ao nível da propriedade. Assim, tanto no aspecto de conservação como de manutenção e aumento da fertilidade, o investimento do Governo é fundamental.

4.2. Florestas

Rondônia tem se mostrado uma opção muito atraente para a atividade madeireira, em função principalmente da ocorrência de mogno e cerejeira. A intensiva exploração destas espécies, determina a cada ano, maiores distâncias entre as áreas de extração e a serraria, o que aumenta os custos. Em paralelo, surgiu um ativo mercado para as madeiras menos nobres, incluindo espécies para laminação. Há necessidade de se viabilizar um mercado para um maior número de espécies nativas, ao mesmo tempo em que se desenvolvam projetos de florestamento, reflorestamento e manejo sustentado da floresta natural, visando garantir a permanência da indústria madeireira no Estado. O baixo índice de aproveitamento industrial ainda é característica da atividade, definindo a necessidade de se estabelecer o volume e qualidade dos resíduos, de forma a atrair a atenção para o aproveitamento desta matéria-prima. Estudos sobre a fauna precisam ser implementados, de forma a garantir tanto a sua identificação e quantificação, quanto as alternativas de criação em cativeiro das espécies com potencial econômico definido.

Um desafio está em se conseguir a contribuição dos empresários do setor madeireiro, para os investimentos em projeto de manejo sustentado e reflorestamento. O uso da arrecadação originada das taxas incidentes sobre a madeira, no próprio Estado, deve ser um objetivo a alcançar.

4.3. Culturas perenes

Os cultivos perenes tem sido considerados alternativas mais indicadas na exploração do potencial agrícola, no trópico úmido. O alto volume de chuvas, que compromete os solos quando diretamente expostos. Melhor perspectiva de renda em relação às culturas anuais tradicionais e maior aproximação com as características do ambiente natural, são critérios que embasam a preferência citada. O estímulo às pesquisas e iniciativas de produtores na área de cultivos consorciados e sistemas agroflorestais, deverá tornar ainda mais atrativa a opção pelas culturas de ciclo longo, no Estado.

4.3.1. Café

Os problemas ligados às dificuldades de preços pagos ao produtor, condicionam as maiores dificuldades encontradas pelo produtor. A baixa qualidade do produto, nivela os preços por baixo, impedindo uma maior concorrência de compradores e inviabilizando a aquisição pelo IBC, de maior parcela da safra.

Como restrições ao cultivo, destacam-se: deficiência hídrica no período seco; intensidade de competição de ervas invasoras; elevado ataque de pragas e baixa fertilidade de grande parte dos solos com café. O cultivo dos dois tipos de café (arábica e robusta) deve ter continuidade, mas melhores esquemas de manejo deverão ser adotados na condução e preparo dos grãos, no caso dos arábica, tendo em vista sua menor rusticidade e maturação precoce, coincidindo com as chuvas.

Apesar da redução das áreas de plantio em muitos municípios, as estatísticas globais de área plantada e produção, têm crescido continuamente, entre os anos de 1980 a 1989, alcançando 138.483Ha de plantio e produção de 140.998 toneladas de café em coco. Um exemplo de efeito grave de um ano mais seco, pode ser visualizado na produção de café em 1988, que caiu para 73.731 toneladas, quando comparadas às 118.500 toneladas, colhidas em 1987. A produtividade da lavoura tem se mantido na faixa de 1.000 kg de café em coco por hectare (25 sacos), muito baixa, quando comparada com o potencial da cultura, que está acima de 100 sacos por hectare.

4.3.2. Cacau

A pesquisa com cacau em Rondônia, visa dar suporte ao sistema de exploração nos polos cacauicultores, implantados a partir da década de 1970. Os baixos preços oferecidos no mercado internacional, determinam a situação crítica da cultura do cacau no Estado, onde os preços ainda sofrem a influência negativa de uma comercialização distorcida. O estímulo a produção de um cacau de boa qualidade através de um melhor preparo, não existe, seja porque não há um diferencial de preços, seja porque o sistema predominante de compra de cacau mole elimina esta alternativa. Problema grave e de solução ainda precária é a ocorrência da doença "vassoura-de-bruxa",

causada por um fungo que compromete dramaticamente a produção. Questão a ser considerada, é a existência de um grande volume de plantio em polos espontâneos, com sementes comuns, não assistidos pela CEPLAC.

Em, 1985, o IBGE registra uma área de 50.060Ha, o máximo alcançado pela cultura. A partir desse ano tem havido um decréscimo e para 1989 se registrou 38.384Ha de plantio.

4.3.3. Seringueira

Após os planos de incentivo a heveicultura, a Amazônia viu o centro de interesse de produção de borracha, se deslocar para o Mato Grosso e São Paulo. Rondônia representa situação especial dentro da Amazônia. Muitas áreas de plantio que começam a ser exploradas e um interesse crescente dos produtores, dá a esta cultura lugar importante dentre as alternativas de exploração na propriedade. Apesar da ocorrência do "mal-das-folhas" a viabilidade do cultivo da seringueira em Rondônia, não pode ser questionada e o rendimento dos seringais, embora produtividade relativamente baixa, representa uma das melhores alternativas de renda para o produtor. A possibilidade do cultivo em consórcios, também já comprovada, permite somar vantagens de uma diversificação de culturas com o uso racional e intensivo das áreas. As experiências com cacau, café e pimenta-do-reino permitem prever bom resultado de muitas outras alternativas e exigindo pesquisas urgentes para sua comprovação. Formas mais adequadas de elaboração do produto e comercialização da produção, também podem representar grandes saltos nos preços pagos ao produtor. Um intensivo trabalho de teste de novos clones, desenvolvidos pela EMBRAPA, permite dispor de material para avaliação preliminar junto aos produtores, prevendo-se um avanço nos resultados de produtividade. Os seringais nativos ganham nova importância com a definição das reservas extrativistas. Será necessário buscar a melhoria das técnicas de extração de látex, visando aumentar o rendimento do trabalho do seringueiro.

4.3.4. Pimenta-do-reino

Produtores de todo o Estado tem mostrado interesse muito grande por esta cultura. Várias unidades de observação foram instaladas, comprovando alta lucratividade e adequação ao sistema de exploração dos pequenos proprietários. A tradição de demanda por alto volume de adubos não tem sido empecilho para sua exploração sem adubação, mesmo em solos de baixa

fertilidade. Os resultados dos primeiros anos de produção se mostraram satisfatórios. Visando melhor caracterizar as exigências nutricionais da planta, estão sendo desenvolvidas pesquisas para respostas a adubação. Maior dificuldade para expansão da pimenta, tem sido a falta de estacas e mudas para implantação de novas lavouras, apesar dos esforços conjuntos da EMBRAPA, EMATER e SEAGRI nestes últimos cinco anos. Apesar da produção ainda pequena, as colheitas já comercializadas estimulam ainda mais os pipericultores iniciantes.

4.4.5. Banana

A bananeira é a espécie frutífera mais plantada em Rondônia. Introduzida em larga escala nos plantios de cacau, visando o sombreamento, criou uma oferta abundante que levou a abertura de um mercado interno importante. Hoje, já se exporta a variedade "maçã" para o centro sul, criando uma alternativa para a expansão da bananeira como cultura principal. A situação estimuladora dos preços, de alguns períodos, constata com sua queda em outros, o que é mais grave ainda, em função das distorções no processo de comercialização. Ainda assim, a banana se mantém como alternativa atraente para aqueles produtores que dispõem de infraestrutura de estradas e localização mais privilegiada. O grande problema da cultura é a presença do "mal-do-panamá" na variedade maçã, a mais cultivada e que juntamente com a banana comprida dominam o mercado. O nível de tecnologia da cultura é rudimentar, não havendo uso de insumos, controle de pragas ou doenças e nem condução das touceiras. Associar medidas profiláticas para a variedade "maçã" ao uso de cultivares resistentes, diversificando os plantios, é uma das alternativas para garantir a continuidade da bananicultura no Estado.

A área de plantio da bananeira, tem oscilado em torno de 20.000Ha, chegando a um mínimo de 15.151Ha em 1987 e um máximo de 27.118Ha em 1992. A organização de comercialização e implantação de agroindústrias são fundamentais para a expansão da cultura.

4.4.6. Cupuaçu

Planta já conhecida e presente em grande número de pomares rurais e fundos de quintal, o cupuaçu vem sendo muito procurado pelos produtores e se transformando em uma das opções de cultivo da pequena propriedade. A procura pelos frutos e o potencial dos sub-produtos já identificados faz

prever ampla possibilidade de expansão desta espécie. O problema maior está na variabilidade muito grande das plantas obtidas a partir de sementes comuns, o que determina uma produtividade média muito abaixo do potencial comprovado em algumas plantas. Através do processo de enxertia é possível alcançar clones superiores e desenvolver processos melhorados de cultivo, modernizando a exploração desta espécie. Identificar plantas superiores e avançar em um programa de melhoramento para produção de clones superiores e populações melhoradas é um objetivo importante, que a EMBRAPA já vem perseguindo.

4.3.7. Guaraná

Já introduzido como cultura no Estado, o guaraná tem sido motivo de reclamação por parte dos plantadores, tendo em vista os baixos preços alcançados pelo produto nos últimos anos. O excessivo otimismo em relação aos resultados, deverá dar lugar a uma expectativa mais realista, que permita uma gradativa contribuição desta cultura, na renda da propriedade diversificada. Para tanto é necessário que a comercialização seja viabilizada e a produtividade está condicionada ao uso de clones ou sementes melhoradas, o que implica em definição de programas de apoio para favorecimento destes insumos.

4.3.8. Palmito

A exploração de palmito tem sido atividade extrativa, o que faz com que a obtenção da matéria-prima seja o principal problema enfrentado pela agroindústria. Os preços ao produtor, quando pagos, representam muito pouco na renda da propriedade, sendo eventual e de pouco interesse para o colono. Considerando o elevado interesse dos mercados nacionais e internacionais, pelo palmito, o desenvolvimento de uma agroindústria sólida, no Estado, depende de se conseguir transformar a produção de palmito em uma atividade agrícola. O extraordinário potencial de crescimento e adaptação das palmáceas na região permite prever alta rentabilidade para o produtor, capaz de se organizar para uma comercialização eficiente. As espécies que se destacam são: açai, pupunha e babaçu.

4.3.9. Citros

O grande volume de importação de citros pelo Estado, compromete recursos necessários ao desenvolvimento. Várias experiências de produção, feitas em várias partes do Estado,

comprovam o alto potencial das regiões de solo mais fértil, para a produção citrícola. Apesar disto, são predominantes os pequenos pomares quase sempre com plantas "pé-franco", sem importância na geração da renda do produtor. A importação, não só eleva os preços, como compromete a qualidade das frutas. Alguns problemas típicos dos citros, como a gomose e as viroses de maneira geral, também estão presentes no Estado. Porém, um adequado programa de apoio a instalação de pomares comerciais, poderá tornar Rondônia auto-suficiente na oferta de citros. Para tanto será necessário investir em pesquisa e definir polos de produção que possam receber um esforço concentrado do Governo, no apoio a produção, organização de produtores e comercialização do produto.

As estatísticas para os citros em Rondônia, já aparecem em registros anteriores a 1980. As últimas áreas de plantio registradas, indicam em torno de 2100Ha plantados, mas o interesse dos produtores é grande, visando a formação de pequenos pomares. Algumas iniciativas de pomares comerciais tem surgido e merecem estudo.

4.3.10. Urucu

Planta muito conhecida e já cultivada há muito tempo, somente agora o urucu despertou interesse como cultura comercial. A quantidade de informações de cultivo é limitada, havendo todo um universo de pesquisa a serem desenvolvidas. O interesse comercial pelo produto se expandiu devido ao seu corante bixina, que tem sido visto nos países do primeiro mundo, como um melhor substituto natural, para os corantes sintéticos, condenados como cancerígenos. Para comercialização que visa a exportação do produto, em São Paulo, é exigido que as sementes apresentem um teor mínimo de 2,5% de bixina. O desconhecimento das técnicas de cultivo é o maior empecilho para este produto, no Estado, sendo mais sensível a falta de cultivares adaptadas, apresentando altos teores de bixina.

4.3.11. Fruteiras e outros cultivos perenes

Muitas outras espécies frutíferas mostram potencial para cultivo racional em Rondônia, podendo ser citadas: manga, abacate, graviola, mangostão, mamão, côco, dendê, acerola, maracujá, jaca e fruta-pão. A avaliação sistemática de espécies frutíferas nativas e exóticas poderá permitir aos produtores, novas opções de renda. O teste de sistemas de cultivo melhorados, formas de propagação e produção de mudas são fundamentais. Mas, é na comercialização e na falta de

agroindústria que se encontram as maiores limitações, que colocam em risco o plantio de áreas maiores.

4.4. Culturas anuais

A maioria das culturas anuais já são cultivadas tradicionalmente no Estado, de longa data. O fato novo está na grande expansão de cultivo, determinada pela colonização de Rondônia e pela introdução de algumas novas opções, como por exemplo a soja. No cenário atual, a vocação dos cultivos anuais tradicionais é o abastecimento do mercado interno do Estado, não apresentando condições de remuneração, capazes de viabilizar a competição com os produtores do centro sul. A viabilização de alternativas de exploração de grãos e importação de insumos por via fluvial, pode alterar este quadro, permitindo inclusive a modernização da exploração, que hoje é rudimentar, para a maioria delas.

4.4.1. Arroz

O arroz é a cultura anual que ocupava, tradicionalmente, a maior área de plantio no Estado. Em 1986, atingiu 158.728Ha, caindo para 86.161Ha em 1990, abaixo dos valores registrados para o feijão e o milho. Apresenta sistemas de exploração variados, indo desde a cultura pioneira nas terras recém-desmatadas e queimadas, até o cultivo no cerrado, com alto uso de insumos. Iniciativas de algum sucesso permitiram o surgimento de culturas mecanizadas na região de Porto Velho, embora problemas de apoio e capacidade empresarial dos produtores tenham comprometido sua continuidade. Nas regiões de mata, onde o cultivo é de subsistência, sua importância social é muito grande, representando a principal fonte de alimentos dos colonos. Excedentes exportáveis deste segmento constituem a maior parte da oferta do produto no Estado, porém, não há condições de competição com o centro-sul, salvo se mantidos os preços aviltados para o produtor ou subsídios ao frete pelo Governo. Os maiores problemas da cultura são decorrentes do ataque de doenças, principalmente no cerrado, onde a brusone é limitante, exigindo o emprego de cultivares tolerantes. O acamamento tem sido outro defeito da maioria das cultivares utilizadas, havendo um esforço de pesquisa para oferecer novos materiais através do constante teste de variedades e linhagens novas. Questão da maior importância para viabilizar a chegada destas novas cultivares aos produtores está na definição de um adequado sistema de multiplicação das sementes básicas, viabilizando sua chegada até os produtores. A produção de sementes básicas e

fiscalizadas ainda é questão não resolvida, em Rondônia, mesmo por que a embalagem e armazenamento destas sementes, exigem cuidados especiais, em função da alta umidade relativa e temperatura da amazônia.

4.4.2. Milho

O cultivo do milho está presente em todas as áreas onde a condição de fertilidade de solo não o inviabilize. Como as demais culturas de grãos, também o milho sofre os mesmos problemas de preço, em função do custo do frete para os mercados tradicionais do centro-sul. Competir com os produtores tradicionais, com tecnologia moderna, não é alternativa, mesmo porque a maior parte da produção é consumida na propriedade. O excedente comercializável atende as necessidades do Estado e tem sido em parte exportada, a custa dos baixos preços pagos ao produtor ou subsídios de frete pelo Governo. Como no caso da soja, a exportação a granel, via Rio Madeira, permitiria visualizar uma nova alternativa, ainda que fosse apenas, atender os mercados do Amazonas e Pará. Os problemas da cultura estão definidos pelo baixo nível de tecnologia empregado no cultivo, geralmente em áreas derrubadas recentes, sem qualquer uso de insumos. Na região dos cerrados existe a possibilidade de se desenvolver uma cultura tecnificada, com emprego de insumos, mecanização e até mesmo irrigação. O milho será uma das culturas importantes na definição de um polo produtor de grãos em Vilhena.

Um adequado esquema de produção e distribuição de sementes melhoradas é parte fundamental de um programa de apoio aos produtores de milho, mesmo apenas dentro da perspectiva de abastecimento interno do Estado. O cultivo contínuo na mesma área, resolvendo o problema de competição das ervas invasoras, também se impõe como solução fundamental para o aproveitamento dos melhores solos, descartando-se o esquema de agricultura itinerante para o milho.

As áreas de plantio de milho tem oscilado entre os últimos anos, vindo de 62.706Ha em 1980, para um máximo de 157.985Ha em 1989, baixando novamente para 121.686Ha em 1990. A produtividade é baixa e tem estado em torno de 1.600kg/Ha.

4.4.3. Feijão

Como uma das culturas que representam a garantia de sobrevivência do produtor, o feijão é cultivado na maioria

das regiões do estado, apesar da ocorrência de doença chamada "mela". O fungo causador desta doença está presente no solo e nas regiões tropicais úmidas compromete drasticamente a produção de Phaseolus. Esta situação permite apenas a cultura do feijão das secas e dependendo da época de plantio e do regime de chuvas, o produtor poderá ter desde uma boa produção até a perda total da colheita, seja pela ocorrência da "mela", seja pela falta de chuva. Apesar das dificuldades, Rondônia apresenta um volume de produção responsável pelo abastecimento interno do Estado, gerando ainda excedentes exportáveis. Portanto, mesmo acumulando muitos prejuízos ao nível individual dos produtores, a cultura é geradora de riqueza e pode responder aos estímulos. Um adequado esquema de produção, armazenamento e distribuição de sementes melhoradas é fundamental para o aumento da produção e produtividade da cultura. Sistemas melhorados de cultivo, onde tanto o controle da "mela" quanto a melhoria da disponibilidade de água do solo seja contemplados, também são igualmente indispensáveis.

As áreas de cultivo de feijão tem crescido continuamente, desde 28.681Ha (1980) até 122.073Ha (1989). Em 1990 se registrou uma área de 120.847Ha. A produtividade tem estado em torno de 600kg/Ha (GCEA/IBGE de Rondônia).

4.4.4. Mandioca

Embora seja uma cultura de importância social maior, a mandioca representa muito pouco na composição da renda da grande maioria dos que a cultivam. Fazem exceção, àqueles produtores que dispõem de pequenas casas de farinha rudimentares, e que chegam a sobreviver em função dessa atividade. O problema dos preços inibe a expansão desta cultura como alternativa de renda, embora a produtividade obtida no Estado esteja acima da média nacional. Os pontos de estrangulamento situam-se tanto a nível de lavoura quanto de industrialização, afetando de maneira diferente os dois segmentos: produtores que vendem raízes para indústrias e pequenos lavradores que transformam a mandioca em farinha. Pequenas modificações nas farinhas rudimentares poderão aumentar em muito o retorno da mão-de-obra empregada. A introdução de cultivares melhoradas é medida que poderá facilitar o processo de agroindustrialização de maior porte, além de significar aumento da produtividade agrícola. O potencial para a produção da mandioca e sua industrialização no Estado, torna injustificável o volume de importação de farinha, ainda existente.

A maior área de plantio registrada, corresponde a 1990, com 30.005Ha e a produtividade está em torno de 16 Ton/Ha (GCEA/IBGE de Rondônia).

4.4.5. Hortaliças

O cultivo de espécies hortícolas é mais intenso junto às cidades do interior e tem como dificuldades maiores o excesso de chuvas no período úmido e as altas temperaturas. As variedades cultivadas em climas mais amenos, regra geral, apresentam problemas de desenvolvimento e a qualidade do produto e produtividade ficam comprometidos. Alguns produtos, dos mais consumidos, são totalmente importados, como a cebola, batata, cenoura e alho. O tomate e o repolho, apesar de alguma produção local, também representam um grande volume de importação. As condições de transporte e as longas distâncias comprometem a qualidade dos produtos e oneram os preços para o consumidor. As folhosas são produzidas satisfatoriamente no período seco e com algumas restrições no período chuvoso. Produtos menos consumidos, como beringela, couve-flor, beterraba entre outros, também são totalmente importados, embora, algumas pequenas áreas de produção seja eventualmente cultivadas, no interior.

Tem havido um acelerado crescimento da oferta de hortaliças. O principal entrave à expansão da produção e melhoria da qualidade dos produtos está na falta de um sistema que melhore as oportunidades de comercialização para o produtor. As centrais de comercialização, nos moldes dos CEASAs, poderia ser uma alternativa.

4.4.6. Soja

A alta produtividade já constatada nas lavouras de soja colhidas na região de Vilhena, é o maior fator de estímulo ao plantio desta leguminosa na região. Porém, muitos outros fatores contribuem para desestimular os produtores. A grande distância dos centros de comércio regular e industrialização da soja, determina alto custo para o frete tanto dos insumos quanto do produto produzido. Mesmo com maior produtividade, em relação às médias de produtividade do sul, a diferença dos custos do produto, na porta da fábrica ou no porto de exportação, anulam a competitividade do nosso produtor. Se resolvida esta situação, através da criação de um corredor de exportação via porto Rio Madeira (Porto Velho) ou via BR 364, transportando dos Andes até o Pacífico, uma enorme perspectiva se abre para os produtores de toda a região dos

cerrados e se fará a definitiva consagração de Vilhena como o grande polo produtor de grãos do Estado. Dentro desta perspectiva se torna urgente investir na pesquisa de tecnologias capazes de maximizar as vantagens que o cultivo de soja apresenta em Rondônia.

4.4.7. Algodão

Nos últimos anos o algodão apareceu com uma área de plantio maior melhorando a renda de um número grande de pequenos produtores, alcançando a maior área plantada, em 1989 (Tabela 1). Fatores ligados a organização do fomento particular e comercialização, já referidos, trouxeram um desestímulo aos produtores em 1990 e 1991.

Favorecido por um ataque de pragas relativamente baixo, um estímulo ao plantio de empresas particulares, e um preço competitivo, em relação às demais alternativas do produtor a área de plantio do algodão tem se expandido a cada ano. O plantio se faz desde a segunda quinzena de janeiro até o final de abril. Esta faixa de tempo, condiciona riscos para a lavoura, porém, plantio feitos em fevereiro, normalmente conseguem bom desenvolvimento e produção. Um dos agravantes é o excesso de chuvas no início do ano, dificultando o preparo do solo e o desenvolvimento inicial das plantas. A manutenção da produção de algodão em pequenas lavouras, isoladas entre outros cultivos e áreas de mata e capoeiras, como ocorre hoje, representa uma situação desejável. Grandes culturas contínuas, provavelmente estariam fadadas ao insucesso, tendo em vista as dificuldades de preparo e mecanização que tais lavouras exigiriam, além do agravante de intensificação do ataque de pragas. A avaliação de novas cultivares poderá representar contribuição importante. Ensaio preliminares, indicaram produtividades 20% maiores para cultivares introduzidas, em relação a IAC-20. Melhores resultados poderão ser esperados, tendo em vista a adequação dos sistemas de produção e estas variedades, em função de seu menor porte, precocidade e resposta a insumos. Porém, a questão central desta cultura está no comportamento dos preços. O atual sistema de comercialização da produção representa altos riscos para o produtor, tendo em vista a concorrência dos cotonicultores tradicionais, e inevitável queda periódica dos preços.

4.4.8. Outras Culturas

Muitas outras culturas são plantadas em pequenas experiências, pelos colonos que conseguem as sementes em suas regiões de origem. Também a pesquisa trabalha eventualmente com alguns ensaios de outros produtos, como é o caso do sorgo e caupi. São comuns as manifestações de interesse por atividades ainda não convencionais no Estado, como as culturas de amendoim, mamona, caupi, sorgo, girassol, gergelim, amoreira, para citar algumas. O estudo preliminar do potencial destas culturas novas, poderá permitir antecipar iniciativas de produtores, muitas vezes fadadas ao fracasso, em função do desconhecimento de alguns detalhes. A avaliação de cultivares e adaptação as condições de clima e solo, são estudos fundamentais.

4.5. Pecuária

A maior atividade pecuária no Estado, está concentrada na bovinocultura de corte. Existem as grandes fazendas especializadas, onde os rebanhos nelore predominam e os rebanhos apresentam um bom padrão racial, bem como as criações em área de colonização, onde os rebanhos são mistos, não apresentando um bom padrão zootécnico. As bacias leiteiras que surgiram e têm se expandido, caracterizam a exploração desses rebanhos mistos e consolidaram a atividade junto as principais cidades, ao longo do eixo da BR 364.

Como problemas maiores da pecuária bovina, se destacam o deficiente controle sanitário e mineralização dos rebanhos, o baixo padrão zootécnico dos rebanhos de leite e consequente prejuízo para a produtividade e o comprometimento da capacidade de suporte das pastagens, nos anos com período seco mais intenso. A incidência de brucelose ganhou destaque nos últimos anos, em função do crescimento do rebanho responsável pela produção de leite.

Os bubalinos representam uma opção ainda não alcançada pelos criadores, embora o rebanho esteja em expansão no Estado. A EMBRAPA, em Porto Velho, possui dados comprovando o bom desempenho do búfalo em Rondônia, além das experiências do Pará, que confirmam o alto potencial desse animal no trópico úmido.

As novas áreas de pastagens têm sido implantadas, predominantemente, com a *Brachiaria brizantha*, o "brizantão" que possui uma variedade (Marandú) com tolerância para a

cigarrinha-das-pastagens. Nas regiões de solo mais fértil, o capim colonião ainda tem grande expressão, porém fica comprometido nos anos mais secos, por ser menos resistente a falta d' água, que a brachiaria citada. Para as áreas de solos mais pobres, a Brachiaria humidicola está presente. A solução mais racional para o problema das pastagens está na diversificação das espécies forrageiras, incluindo esquemas que contemplem a presença de leguminosas, seja em consorciação ou utilizando a alternativa dos bancos de proteína.

Na região sul do Estado a suinocultura vem se desenvolvendo, criando uma certa tradição nas regiões de Colorado d' Oeste e Vilhena, embora a atividade esteja disseminada em todo o Estado. A tecnificação da exploração tem encontrado barreiras principalmente nos custos de alimentação e medicamentos, além da falta de assistência técnica. Um melhor ajuste para o aproveitamento dos produtos obtidos diretamente na propriedade e a criação de uma oferta para os concentrados, a preços mais acessíveis para os produtores poderia garantir uma rápida expansão da atividade. Vantagem adicional, estaria na expansão do mercado interno de grãos, que a região dos cerrados poderia atender facilmente, ainda com a vantagem da proximidade entre áreas de produção e consumo.

No caso da criação de aves, basicamente galinhas, a atividade não tem sido implementada em termos empresariais, sendo desenvolvida ao nível caseiro, embora com uma oferta expressiva que sustenta um mercado marginal. A maior oferta é garantida pelas grandes empresas do sul, que conseguem colocar o produto congelado a preços baixos, em relação aqueles praticados no citado mercado marginal de "galinha caipira". Algumas iniciativas de melhoria do plantel, com introdução de raças mais produtivas têm sido tomadas pela EMATER e pode representar uma alternativa para aumentar a competitividade da produção regional de frangos, permitindo a comercialização a preços mais acessíveis. O sistema de intermediação e a falta de estruturas de abate condicionamento, são empecilhos adicionais à organização da produção.

A criação de ovinos e caprinos tem se expandido, sendo muito comuns as criações associadas aos bovinos, em áreas extensivas. No regime de criação mais intensiva, com uso de piquetes de pastagens de uma só espécie, há um agravamento dos problemas com endoparasitas que comprometem o rendimento

da atividade. Além da questão maior das verminoses, a "podridão dos cascos" também é problema nas criações mais intensivas. Um fator fundamental a ser levado em conta, tanto para caprinos como ovinos, é a necessidade de pastagens diversificadas para atender o hábito alimentar dessas espécies.

5. ASPECTOS REGIONAIS DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

5.1. Porto Velho

A capital embora represente o maior mercado do Estado para os produtos agropecuários, apresenta uma atividade rural produtiva ainda incipiente. A produção de arroz com mecanização integral da lavoura apresentou um surto de crescimento, no início dos anos 1980, seguido de um processo de desativação que eliminou totalmente essa atividade na região. A produtividade e as condições de cultivo alcançados para o arroz comprovaram a plena viabilidade de uma exploração agrícola eficiente no município. O insucesso da iniciativa referida, se deveu a problemas com o financiamento dos investimentos e custeio, o que levou os produtores a a inadimplência e perda de estímulo pela atividade.

Tradicionalmente, a pecuária desenvolvida nas fazendas próximas, representa a exploração mais frequente e contínua nas áreas de Porto Velho. Também continuam em funcionamento pequenas áreas de plantio de mandioca, com fabricação artesanal de farinha, base de sustento de muitas famílias rurais. A população ribeirinha mantém uma participação modesta no suprimento dos produtos resultantes do cultivo ou extrativismo. A Tabela 3, mostra as estatísticas relativas a atividade pecuária, em Porto Velho.

TABELA 3 - Número de animais no município de Porto Velho, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	45.635	46.689	56.797	60.500
Bubalinos	1.916	2.452	2.859	2.500
Equinos	2.400	2.736	3.311	3.400
Asininos	502	552	679	550
Muares	5.940	6.415	7.121	7.100
Suínos	17.059	20.471	26.264	23.035
Ovinos	1.552	1.738	2.346	2.215
Caprinos	1.332	1.479	1.997	1.530
Aves	367.658	418.403	571.229	551.141

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

Com algumas exceções menores, os rebanhos cresceram continuamente no período (1986 a 1989), destacando: os bovinos 39%; bubalinos 30%; equinos 42%; suínos 35%; ovinos 43% e aves 49% (Tabela 3).

A produção tem evoluído ao longo dos anos, registrando, em 1989, um total de 5.565 mil litros de leite; 991 mil dúzias de ovos e 2.196kg de mel (Levantamento... 1989).

Com o assentamento de famílias de colonos nas áreas próximas a represa hidrelétrica, criou-se um polo de produção que se consolida e tende a aumentar sua participação no mercado de Porto Velho. Parte da atividade de horticultura está se deslocando para essa região, aproveitando algumas áreas de solos mais férteis, com acesso à rodovia.

De uma maneira geral, o potencial de produção da região de Porto Velho, ainda não foi aproveitado. Muitas iniciativas isoladas têm procurado alcançar sucesso, porém regra geral, não o tem conseguido. Como exemplos de iniciativa pública se destacam a cidade hortigranjeira e bacia leiteira. Como ações particulares, também paralisadas ou em decadência, se identificam a criação de rãs, produção de hortaliças na colônia Areia Branca e implantação de seringais de cultivo. A produção de citros em algumas áreas isoladas se mantém e poderá representar uma alternativa de renda importante.

Recentemente, o plantio de cupuaçu tem atraído a preferência de um grande número de produtores e poderá se firmar como a cultura mais plantada no município.

A criação de estímulos a produção rural na região de Porto Velho é necessária, mas exige um cuidadoso estudo, para contemplar os produtores que exercem de fato a atividade rural e tem potencial de produtividade comprovado. Programas que beneficiem produtores já assentados ou empresários rurais com estrutura adequada, poderão viabilizar a criação de um cinturão verde na Capital, melhorando a oferta de produtos hortifrutigranjeiros. Os proprietários ribeirinhos se incluem como parcela especial da população rural e também representam boas oportunidades, como o aproveitamento das várzeas no período de estiagem.

A Tabela 4 mostra estatísticas de produção do município de Porto Velho, onde são destaques os valores para mandioca, arroz e banana, com as maiores áreas de cultivo.

O decréscimo na área plantada e produção são marcantes, alcançando 66% na lavoura; 59% no milho; 55% na mandioca e 53% no arroz.

TABELA 4 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Porto Velho, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	4.090	2.600	2.186	4.908	3.360	2.623	1.200	1.200	1.200
Feijão	410	385	427	164	154	171	400	400	400
Milho	1.690	1.000	695	1.824	800	904	1.079	800	1.600
Mandioca	*9.620	5.500	4.393	173	99	79	18	18	18
Banana	**3.395	1.715	1.155	2.457	1.029	693	723	600	600

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

Além dos listados na Tabela 4, também, são apontadas estatísticas para abacaxi, cana-de-açúcar, melancia, cacau, café, citros e mamão.

5.2. Guajará Mirim

Como uma das regiões pioneiras do Estado, Guajará Mirim, Vila Nova e Costa Marques estão localizadas fora do eixo de produção agropecuária mais dinâmica do Estado. O zoneamento proposto no PLANAFLORO, idêntica essa região como incluída na zona 2, abrangendo ainda áreas dentro das zonas 4, 5 e 6. As atividades previstas incluem a pecuária, o extrativismo e a preservação.

Projetos de colonização como o Iata e Sidney Girão foram desenvolvidos e representam um conjunto de produtores já tradicionais na região, com áreas de lavouras e pecuária que atendem inclusive as cidades vizinhas da Bolívia. Outro polo de agricultura se consolida na região de Tancredo Neves e Nova Califórnia, áreas ainda com a presença de entidades do Acre. Em Nova Califórnia, uma iniciativa financiada por entidade estrangeira, congrega colonos em torno de um projeto - Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado (RECA) - onde além do plantio normal de culturas anuais e fruteiras, está sendo implantado o consórcio de castanha-do-brasil, cupuaçu e pupunha, em área prevista para 400Ha. Algumas atividades isoladas também se destacam, como a criação de bovinos em regime de confinamento e a introdução de ovinos deslançados.

Uma das oportunidades que se apresenta à região, está no aproveitamento do mercado da Bolívia, via Guajará Mirim, para a oferta de produtos agrícolas. Embora a valorização das atividades florestais deva ser enfatizada, a eleição de algumas regiões para desenvolvimento agropecuário já está caracterizada, necessitando de apoio para sua efetivação.

Para Guajará Mirim, além dos produtos constantes da Tabela 5, também, são citadas estatísticas para abacaxi, melancia, cacau, café e citros. Os números indicam uma redução dramática na área cultivada, mesmo quando se considera que a emancipação de Vila Nova redimensionou os valores.

TABELA 5 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Guajará Mirim, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	6.100	1.539	950	7.320	2.155	1.140	1.200	1.400	1.200
Feijão	1.020	193	350	612	125	228	600	650	650
Milho	6.825	2.108	1.200	8.190	2.740	1.560	1.200	1.300	1.300
Mandioca	1.955	863	*950	33	14	16	17	17	17
Banana	1.181	733	**733	777	792	1.080	657	1.080	792

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 6 - Número de animais município de Guajará Mirim, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	23.066	25.017	11.600	10.800
Bubalinos	296	800	400	100
Equinos	1.564	1.950	1.120	750
Asininos	134	200	620	350
Muare	908	1.100	1.550	780
Suínos	6.351	9.638	4.450	3.600
Ovinos	1.332	1.930	2.200	1.900
Caprinos	1.790	2.850	2.380	—
Aves	68.668	102.378	61.614	20.000

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

Os dados da Tabela 6, indicam um decréscimo da exploração pecuária, em Guajará Mirim, nos últimos anos, mesmo quando se considera o efeito da criação do novo município de Vila Nova, reduzindo a área original de Guajará.

Vila Nova do Mamoré, desmembrada de Guajará Mirim, já aparece nas estatísticas dos dois últimos anos, conforme mostra a Tabela 7. A tendência de redução da atividade não se evidencia neste município, havendo para o milho um aumento de 14% na área plantada de 1989 para 1990.

TABELA 7 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Vila Nova do Mamoré, no período de 1988/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)		PRODUÇÃO (t)		PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)	
	88/89	89/90	88/89	89/90	88/89	89/90
Arroz	2.925	2.632	4.388	3.928	1.500	1.500
Feijão	850	950	340	380	400	400
Milho	2.340	2.574	3.744	4.118	1.600	1.600
Mandioca	530	*609	9	11	18	18
Banana	108	**108	113	113	1.046	1.046
Café	240	240	264	264	1.100	1.100

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1000 t e produtividade em 1000Kg/Ha

** Produção em 1000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

O registro dos rebanhos para Vila Nova, aparece em 1989, com 27.610 bovinos; 450 bubalinos; 9.272 suínos; 1.300 ovinos; 370 caprinos e 76.050 galináceos (GCEA/IBGE de Rondônia).

Na Tabela 8, os valores para produção agrícola de Costa Marques chegam a indicar uma redução de 80% na área cultivada de arroz entre 1988 a 1990, bem como 76% e 66% respectivamente para o milho e o feijão. A resistência a abertura das estradas decorrentes da preocupação com a ecologia, desestimulou os novos assentamentos e motivou o abandono de muitos lotes já ocupados, que ao lado dos preços muito baixos, consistiram prováveis causas da perda de produção.

TABELA 8 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Costa Marques, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	3.120	1.200	647	4.115	2.040	1.100	1.318	1.700	1.700
Feijão	1.837	661	640	1.029	353	384	560	560	600
Milho	2.300	667	567	3.340	1.000	851	1.452	1.500	1.500
Mandioca	485	350	*330	7	5	5	15	15	15
Banana	207	200	**200	187	180	180	903	901	901
Café	644	280	350	672	262	328	1.043	936	936

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

Na Tabela 9, constam as estatísticas relativas aos rebanhos do município de Costa Marques. A variação dos rebanhos difere entre as espécies, ficando os bovinos estabilizados em cerca de 34 mil cabeças, quando se compara 1986 com 1989. Merece registro o crescimento de 35% do rebanho bubalino. A diminuição do número de suínos é coerente quando se considera a redução da atividade e presença dos colonos na região. Em 1989, a produção registrada de leite foi de 2.284 mil litros e ovos 533 mil dúzias

TABELA 9 - Número de animais município de Costa Marques, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	34.986	43.173	37.109	34.697
Bubalinos	5.191	3.680	4.690	7.035
Equinos	4.377	4.595	3.780	3.969
Asininos	1.776	1.921	1.847	1.939
Muare	1.615	1.496	1.350	1.418
Suínos	42.509	64.613	40.113	39.210
Ovinos	5.499	4.850	3.900	4.010
Caprinos	825	969	770	805
Aves	262.680	391.071	249.667	233.345

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

5.3. Ariquemes

Nessa região se incluem os municípios de Machadinho e Jaru, representando uma extensão de aproximadamente 150Km na BR 364 e a penetração de cerca de 200Km, a leste da BR 364.

O grande número de colonos assentados nos projetos, criou uma região muito dinâmica, com forte expressão na produção de café, cacau e plantio de seringueira, ao lado da produção de grãos tradicionais. A pecuária também, se expandiu representando um segmento importante, inclusive pecuária de leite.

Com o desestímulo dos preços pagos pelo café e cacau, os últimos anos não mostraram avanços importantes nas áreas de cultivo. As restrições ao desmatamento, fizeram diminuir as áreas mais apropriadas às culturas anuais e assim, também a oferta de grãos não se expandiu.

A atividade madeireira tem expressão importante, incluindo também laminadoras, embora a maior intensidade esteja nas serrarias que atendem a exportação de madeiras nobres e o fornecimento para o consumo interno. A utilização do freijó vem abrindo uma nova perspectiva, já comprovada a nível de produtor. Essa espécie tem desenvolvimento rápido e alto índice de aproveitamento, razão do entusiasmo de alguns

produtores que já chegaram a comercializar toras de árvores com 12 anos de idade. Um adequado ajuste de preços e localização dos plantios poderão tornar os plantios de freijó, em consórcio com outras espécies, uma das melhores opções de renda.

Os órgãos governamentais vêm desenvolvendo um trabalho de estímulo ao uso de sistemas agroflorestais e os primeiros resultados começam a surgir. O projeto em desenvolvimento pela Cooperativa Mista Agropecuária do Vale do Jamari (COOMAVI), aproveitará financiamento externo para custear a implantação de projetos agroflorestais, nas localidades de cacaulândia e Alto Paraíso. O projeto da COOMAVI pretende atingir 400 cooperados, uma área de 2.000Ha e um volume de recursos previstos em mais de US\$ 10.000.000. No Cujubim, a administração regional está envidando esforços para atrair projeto de estímulo à produção, incluindo um intensivo programa de produção de mudas. No Machadinho, a Prefeitura começa a viabilizar um trabalho de aproveitamento de capoeiras, em convênio com a EMBRAPA, onde áreas demonstrativas serão cultivadas com tecnologia ajustada às condições do produtor, visando a produção de alimentos. Em uma segunda etapa, o aproveitamento de capoeiras com espécies florestais, e fruteiras a melhoria das culturas perenes serão também contemplados. Em Ariquemes, a Prefeitura distribui chácaras, visando um programa de pequena produção junto a sede urbana.

Muitas iniciativas governamentais e de particulares, têm promovido a introdução de novos produtos na região. Como destaque se colocam: a criação de um centro de produção de alevinos, o plantio de cerca de 3.000 pés de dendê, plantio de pequenas áreas de guaraná e pimentado-reino, áreas mecanizadas para produção de grãos, plantio de citros em escala comercial. O consumo de lenha pela SATEL, empresa de geração de energia termoelétrica, abre uma perspectiva de produção florestal planejada. Para o atendimento da demanda de lenha de 500 t/dia, será necessário se viabilizar uma área de plantio de essências florestais, superior a 1.500Ha.

Como nas demais regiões de agricultura, o fator mais limitante tem sido o sistema de comercialização que avilta os preços pagos ao produtor e limita suas alternativas de produção. Apesar dos baixos preços de mercado, do café e cacau por exemplo, uma melhoria do acesso do produtor ao mercado poderia estimular o aprimoramento da produção,

alcançando maior produtividade e qualidade do produto, que são as maiores limitações dentro da propriedade. Para os cultivos anuais, a deficiência na oferta de sementes, tem sido uma das causas de diminuição dos plantios. A condição de clima é prejudicial a conservação das sementes, o que impede o produtor de mantê-las em boas condições na propriedade, de uma safra para outra.

A região de Ariquemes apresenta um alto potencial de resposta para programas de estímulo a produção de café, cacau e seringueira, bem como cultivos anuais. A viabilização de mercado para o guaraná, poderia também incluir essa cultura como alternativa.

As Tabelas 10, 11 e 12 mostram estatísticas relativas aos produtos agrícolas que mais se destacam nessa região. Também existem registros para os seguintes produtos: abacaxi, algodão, cana-de-açúcar, melancia, citros e mamão.

TABELA 10 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Ariquemes, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	24.890	10.000	7.800	39.706	16.000	12.480	1.595	1.600	160
Feijão	6.556	3.800	4.000	3.216	1.140	2.000	490	300	300
Milho	12.246	8.000	6.800	19.584	12.800	10.880	1.599	1.600	1.600
Mandioca	526	2.000	*2.500	87	32	40	17	16	16
Banana	2.480	500	**500	2.232	450	450	900	900	900
Café	30.688	26.000	31.000	31.608	27.750	33.077	1.030	1.067	1.067
Cacau	29.141	18.000	20.026	32.336	12.600	10.031	1.109	700	500

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

Em Ariquemes (Tabela 10) a maior redução da área de plantio foi para o arroz com 69%, embora também se inclua nesse percentual a área correspondente a Machadinho, hoje

emancipado. A redução para o cacau tanto em área plantada (37%) quanto em produtividade (55%) caracteriza a crise nessa cultura. Os baixos preços e competição de mão-de-obra pelo garimpo determinaram o abandono de culturas e redução dos investimentos. A doença "vassoura-de-bruxa" deve ser a responsável maior pela perda da produtividade, que acontece com os menores investimentos no trato fitossanitário. Os dados registrados para o café surpreendeu porque mantém a área cultivada e a produtividade em contraste com a situação que é de desestímulo generalizado.

No município de Jarú (Tabela 11) as reduções das áreas de cultivo e produções também são grandes: arroz 81%, feijão 11%; milho 30%; mandioca 59%; banana 59%; café 51% e cacau 39%. A perda de produtividade no cacau se repete.

TABELA 11 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Jarú, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	23.300	8.000	4.430	42.169	14.800	8.106	1.809	1.850	1.830
Feijão	8.584	6.721	7.642	5.942	3.905	4.470	692	581	585
Milho	15.011	11.500	10.630	25.433	23.598	21.812	1.694	2.052	2.052
Mandioca	4.817	1.900	*1.980	79	28	30	16	15	15
Banana	3.069	1.280	**1.280	2.744	1.152	1.152	894	900	900
Café	17.793	8.951	8.840	15.309	10.741	10.608	860	1.200	1.200
Cacau	15.702	9.017	9.900	11.664	4.734	4.500	742	525	455

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

Machadinho d' Oeste registra (Tabela 12) um crescimento na área de café (396%) e de mandioca (1.066%) contrariando a tendência geral. Mantém-se a linha de perdas das áreas 63% tanto para o arroz como para o milho.

TABELA 12 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Machadinho d' Oeste, no período de 1988 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	—	5.200	1.950	—	6.240	2.340	—	1.200	1.200
Feijão	—	920	960	—	331	384	—	360	400
Milho	—	3.500	1.320	—	3.766	1.188	—	1.074	900
Mandioca	—	300	*3.500	—	4	45	—	13	13
Banana	—	150	**150	—	225	225	—	1.500	1.500
Café	—	380	1.884	—	390	3.014	—	1.026	1.600
Cacau	—	395	395	—	158	158	—	400	400

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

A expressão da pecuária na região pode ser visualizada, as Tabelas 13 e 14. Compensando a redução na atividade agrícola, a pecuária vem crescendo a taxas elevadas, com destaque para os bovinos: 248% e 85% respectivamente, para Ariquemes e Jarú. Também os suínos com 32% em Ariquemes e 65% em Jarú ganharam maior expressão.

TABELA 13 - Número de animais município de Ariquemes, no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	86.148	99.932	160.896	300.000
Bubalinos	200	210	418	414
Equinos	4.000	4.038	5.047	5.500
Asininos	316	332	405	425
Muare	2.890	3.063	3.819	2.800
Suínos	52.886	61.348	72.000	69.870
Ovinos	1.321	1.335	1.882	1.500
Caprinos	1.845	1.888	2.738	2.500
Aves	499.366	677.636	679.474	671.166

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

TABELA 14 - Número de animais município de Jaru, no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	61.693	69.570	93.048	114.076
Bubalinos	0	0	0	5
Equinos	2.416	2.537	3.171	3.280
Asininos	490	542	610	520
Muare	873	940	1.043	1.190
Suínos	44.917	45.000	70.000	74.072
Ovinos	990	1.042	1.511	1.130
Caprinos	1.116	1.125	2.200	2.232
Aves	276.715	452.000	526.760	401.347

Fonte: Levantamento... (1986, 1987, 1988, 1989).

Machadinho d' Oeste aparece nas estatísticas em 1989, com 4.000 bovinos; 8 bubalinos; 150 equinos; 120 muare; 19.020 suínos; 80 ovinos; 28 caprinos e 95.521 galináceos.

5.4. Ji-Paraná

Com Ji-Paraná se representa a mais expressiva parcela de produção agropecuária do Estado. Se incluem tanto os municípios mais antigos, como Ji-Paraná, aos mais recentes, como Nova Brasilândia d' Oeste. A pecuária, lavoura e exploração florestal estão presentes intensamente, fazendo de Ji-Paraná a segunda cidade do Estado e o polo mais dinâmico da sua economia.

Nessa região estão representadas todas as iniciativas, destacando-se a cultura do café e cacau. Os plantios de seringueira também estão presentes e a pecuária de leite está consolidada, como alternativa para o pequeno produtor com acesso ao laticínio. Culturas como o algodão, amendoim, mamona, menta, soja, amoreira, pimenta-do-reino, guaraná já são plantadas em pequena escala ou se cogita da sua introdução.

O aproveitamento da capacidade produtiva da região para a geração de produtos exportáveis, além de café, cacau e borracha é um objetivo a ser definido. A chave para isso está no incentivo à obtenção de produtos de alta qualidade e viabilização da comercialização. Coco, banana, maracujá, cupuaçu, mamão, fruta-pão, citros produtos de horta em geral e outras frutas regionais já tem uma oferta que garante o sucesso de programas de fomento ajustados a uma agricultura de mercado.

Através do incentivo à agroindústria, comprometida com programas de estímulo à produção, se poderá aumentar a renda do produtor e dar maior sustentação ao progresso de toda a região.

Além dos produtos citados nas tabelas 15 a 23 destacam as estatísticas do período 1987/88, onde o amendoim (1.883Ha), cana-de-açúcar (1.128), melancia (1.804Ha), tomate (35Ha), coco-da-bahia (5.315Ha), citros (1.410Ha) e mamão (434Ha) estão presentes.

A tendência de perdas em áreas de plantio e produção se mantém a semelhança da região anterior. Na Tabela 15 estão os dados relativos a Ji-Paraná em todas as culturas, as perdas em termos de área e produção são marcantes, destacando-se o café (50%); cacau (46%) e banana (65%); culturas com maior potencial de renda em mercado que os grãos tradicionais: arroz (87%); feijão (40%) e milho (72%).

TABELA 15 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Ji-Paraná, período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	23.146	11.419	3.140	39.348	19.142	5.966	1.699	1.700	1.900
Feijão	9.903	6.000	6.000	6.664	3.024	3.024	672	504	504
Milho	23.572	11.893	6.660	42.430	21.407	11.988	1.800	1.800	1.800
Mandioca	5.271	1.880	*2.366	87	47	43	16	25	18
Banana	5.184	2.626	**1.859	5.046	225	225	—	1.500	1.500
Café	20.098	13.214	10.231	18.118	9.038	8.185	901	684	800
Cacau	1.771	960	960	1.239	576	576	699	600	600
Algodão	16	5.000	—	20	6.250	—	1.250	1.250	—

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

As estatísticas da Tabela 16 mostram a evolução dos rebanhos, em Ji-Paraná. Embora menos espetacular que na região de Ariquemes a pecuária também cresceu (Tabela 16, 18 e 20) destacando-se Ouro Preto e Ji-Paraná, com 45 e 28% de crescimento para o rebanho bovino, respectivamente. Em Presidente Médici a aparente estagnação do rebanho pode ser justificada pela emancipação de Alvorada d' Oeste com estatísticas a partir de 1987 (Tabela 22). Em termos de produção pecuária, em 1989, foram produzidos 5.650 mil litros de leite; 1.084 mil dúzias de ovos e 8.470kg de mel de abelha (Levantamento de 1989).

TABELA 16 - Número de animais município de Ji-Paraná no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	77.526	85.434	90.585	99.640
Bubalinos	506	570	655	720
Equinos	3.444	3.786	4.164	4.580
Asininos	820	481	601	721
Muares	3.071	3.384	3.722	4.094
Suínos	42.756	45.022	47.273	49.636
Ovinos	554	704	809	889
Caprinos	344	438	547	601
Aves	291.038	319.269	332.712	356.751

Fonte: Levantamento... (1986, 1987, 1988, 1989).

Ouro Preto d'Oeste sofreu grandes perdas em áreas e produção (Tabela 17), atingindo 60% para área plantada e 73% para produção no caso do cacau. O café teve sua área reduzida em 52%. As culturas anuais repetem o quadro geral, com grandes reduções de área e produção. Sintomaticamente, a pecuária bovina cresceu 45% no período (Tabela 18) como já foi citado.

TABELA 17 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Ouro Preto d' Oeste, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	44.682	23.310	19.200	78.397	37.296	32.640	1.754	1.600	1.700
Feijão	33.360	20.160	20.000	26.395	14.515	14.400	791	720	720
Milho	45.264	25.000	16.250	81.475	42.500	27.625	1.799	1.700	1.700
Mandioca	5.400	3.000	*3.000	74	50	50	24	17	17
Banana	5.000	5.000	**6.150	4.036	4.000	4.920	807	800	800
Café	24.600	15.750	11.862	27.000	18.900	11.862	1.097	1.200	1.000
Cacau	14.042	14.042	5.671	10.502	3.403	2.836	747	600	500

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 18 - Número de animais município de Ouro Preto d' Oeste, período de 1986 a 1989.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	112.443	123.912	148.694	163.563
Bubalinos	414	466	536	589
Equinos	3.758	4.141	4.762	5.238
Asininos	280	309	355	390
Muare	1.196	1.318	1.516	1.677
Suínos	74.546	78.646	90.443	90.446
Ovinos	885	1.125	1.294	1.423
Caprinos	619	786	904	994
Aves	567.281	628.918	723.256	795.580

Fonte: Levantamento... (1986, 1987, 1988, 1989).

A produção pecuária, em 1989, foi de 9.273 mil litros de leite e 2.233 mil dúzias de ovos, em Ouro Preto d' Oeste (GCEA/IBGE de Rondônia).

As Tabelas 19, 20, 21 e 22 mostram números que ilustram a tendência de perdas de áreas de cultivo para a pecuária bovina

TABELA 19 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Presidente Médici, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	12.818	3.900	3.557	23.888	7.410	6.829	1.863	1.900	1.920
Feijão	4.571	3.420	3.800	2.805	2.052	1.710	613	600	450
Milho	9.324	7.100	6.990	17.900	13.490	14.679	1.919	1.900	2.100
Mandioca	4.188	1.600	*695	55	29	13	13	18	18
Banana	765	323	**410	595	291	378	894	900	922
Café	4.082	2.306	3.588	3.806	1.568	3.947	932	680	1.100
Cacau	—	2.860	—	—	5.442	—	—	1.903	—

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 20 - Número de animais município de Presidente Médici no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	53.776	46.252	51.345	55.975
Bubalinos	165	165	190	209
Equinos	2.387	2.008	2.316	2.539
Asininos	121	86	121	110
Muares	1.958	1.600	1.852	2.024
Suínos	50.669	36.527	43.412	42.006
Ovinos	295	250	287	1.700
Caprinos	250	115	132	145
Aves	333.208	211.910	250.963	265.273

Fonte: Levantamento... (1986, 1987, 1988, 1989).

Em 1989, a produção pecuária de Presidente Médici registra 3.173 mil litros de leite e 744 mil dúzias de ovos. (Levantamento... 1990).

TABELA 21 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas no município de Alvorada d' Oeste, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	8.172	4.200	800	13.626	7.140	1.360	1.667	1.700	1.700
Feijão	7.358	4.000	2.500	4.535	2.520	1.575	616	630	630
Milho	9.175	6.860	3.000	14.680	11.662	5.100	1.600	1.700	1.700
Mandioca	698	698	*698	9	9	9	13	13	13
Banana	437	340	**400	378	297	340	864	850	850
Café	3.176	1.960	2.112	2.472	941	2.112	778	480	1.000
Cacau	78	150	50	55	105	35	705	700	700
Algodão	66	500	-	198	750	-	3.000	1.500	-

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 22 - Número de animais município de Alvorada d' Oeste no período de 1987 a 1989.

REBANHO	1987	1988	1989
Bovinos	21 000	23 100	25 410
Bubalinos	390	430	473
Equinos	61	70	77
Asininos	502	570	627
Muare	39.502	43.452	47.797
Suínos	105	115	126
Ovinos	200	230	253
Caprinos	161 305	175.586	189.448

Fonte: Levantamento... (1986, 1987, 1988, 1989).

A produção de 1.440 mil litros de leite e 517 mil dúzias de ovos é registrada em 1989, no município de Alvorada d' Oeste (Levantamento... 1990).

Na Tabela 23 os dados de São Miguel mostram uma situação estável para as culturas anuais, a exceção do arroz que perdeu 43% da área de plantio.

TABELA 23 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de São Miguel do Guaporé, no período de 1988 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)		PRODUÇÃO (t)		PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)	
	88/89	89/90	88/89	89/90	88/89	89/90
Arroz	1 870	1 082	2 805	1 623	1 500	1 500
Feijão	245	318	132	172	539	540
Milho	560	560	840	1 008	1 500	1 800
Mandioca	400	*450	6	7	16	16
Banana	43	**43	39	39	900	900
Café	130	200	130	200	1 000	1 000

Fonte: Levantamento... (1989, 1990, 1991).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha

As estatísticas de pecuária aparecem registradas em São Miguel do Guaporé, apenas 1989: 1.123 bovinos; 6.920 suínos e 41.179 galináceos. A produção de leite ficou em 403 mil litros e ovos em 94 mil dúzias (Levantamento... 1990).

5.5. Pimenta Bueno e Cacoal

Também nessa região, é destaque o desestímulo que a cafeicultura vem sofrendo. Alguns produtores tradicionais, conhecidos pelos bons resultados já obtidos com o café, planejam erradicar a maior parte das suas lavouras. A pecuária será a alternativa adotada.

Os solos apresentam fertilidade variada, onde terras férteis garantias do sucesso relativo dos colonos, se alternam com solo pobres, que exigem uma melhor tecnologia de exploração para o alcance de bons resultados.

Algumas iniciativas têm sido tomadas, procurando melhorar o desempenho do setor rural. A distribuição de mil toneladas de calcário, e Cacoal, bem como a construção da infraestrutura de um centro de abastecimento (nos moldes dos CEASA), são exemplos. Para 1991, um programa de fomento à cultura do feijão está sendo articulado: oferta da semente, acompanhada de um herbicida e um fungicida adequados ao sistema de controle integrado da doença conhecida como "mela". Essa doença representa a maior restrição ao cultivo do feijão na Amazônia. Em Pimenta Bueno, a Prefeitura Municipal desenvolve um esforço de fomento, com incentivo a produção de peixes e aves, apoio a produção de leite e contatos visando a estruturação de programas agrícolas. Pelos esforços locais, a região apresenta boas perspectivas de retorno para os investimentos que visem dar suporte a alternativas já testadas. Deverá haver a preocupação de contemplar os programas com um maior controle de resultados em termos de renda para o produtor, de forma a evitar apenas a execução de ações isoladas que não garantam um resultado real. Por exemplo, não basta viabilizar a chegada do calcário até a propriedade, é preciso que outros fatores de produção sejam considerados, para que se alcance um real aumento da produtividade, sob pena de insucesso do programa.

Há iniciativas de fomento para mamão e maracujá (aproximadamente 60Ha em Cacoal) e melancia. Essas culturas deverão viabilizar volumes de produção relativamente grandes, o que já acontece com melancia, exigindo uma organização eficiente da comercialização, fator determinante na formação

atividade de agressão ao ambiente. Uma disposição de custear a produção de mudas para distribuição gratuita aos colonos, foi identificada junto a madeireiros, e confirmada como comum entre estes empresários, por um funcionário do Governo, ligado ao setor. Parece promissora a possibilidade de se incrementar um programa ambicioso de produção de mudas, integrando as atividades dos órgãos do Governo, empresários e produtores rurais.

De um modo geral, a região é das mais dinâmicas do Estado, com um potencial de crescimento muito grande, tanto na agropecuária quanto no setor de exploração sustentada na floresta. A comparação dos dados de lavoura e pecuária (Tabelas 24 e 25) de Cacoal mostram mais um exemplo da queda de atividade agrícola em paralelo com o crescimento dos rebanhos. Os bovinos aumentaram 61% e as lavouras diminuíram sua área: arroz 76%; feijão 74%; milho 68%; café 50% e cacau 49%. As perdas de áreas dos novos municípios embora atenuem a intensidade registrada não mudam a tendência. O crescimento contínuo dos suínos também se destaca, atingindo 28%.

TABELA 24 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Cacoal, no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	30.048	14.773	7.386	43.914	21.746	9.233	1.461	1.472	1.250
Feijão	41.525	19.718	10.966	22.610	12.816	7.128	544	650	650
Milho	39.831	15.200	12.820	59.929	21.189	17.781	1.492	1.394	1.394
Mandioca	3.419	2.700	*2.428	51	54	44	15	20	18
Banana	2.123	1.150	**1.150	1.698	920	920	799	800	800
Café	63.807	30.210	32.210	57.942	41.720	46.382	908	1.381	1.440
Cacau	6.939	3.579	3.579	5.328	2.784	1.611	767	750	450

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 25 - Número de animais município de Cacoal, no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	101.095	118.523	138.956	162.926
Bubalinos	320	345	363	436
Equinos	3.881	4.113	4.730	5.440
Asininos	84	89	92	100
Muare	2.050	2.173	2.282	2.556
Suínos	82.331	89.411	97.100	105.451
Ovinos	2.668	1.751	1.804	2.074
Caprinos	1.456	1.630	1.793	2.061
Aves	495.343	535.230	584.416	638.184

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

Em 1989, foram produzidos 7.699 mil litros de leite; 1.612 mil dúzias de ovos e 13.800 kg de mel de abelhas, no município de Cacoal (Levantamento..., 1990).

Os dados para o município de Espigão d' Oeste, Pimenta Bueno, Rolim de Moura e Santa Luzia d' Oeste (Tabelas 26 e 33) repetem basicamente o mesmo modelo de comportamento de Cacoal. A exceção fica por conta da pecuária de Espigão d' Oeste com o rebanho bovino mantendo-se quase estável.

TABELA 26 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Espigão d' Oeste no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	7.030	3.840	2.688	11.854	6.052	4.301	1.686	1.576	1.600
Feijão	4.000	1.600	1.440	2.400	960	864	600	600	600
Milho	9.200	4.760	3.322	15.264	7.140	5.196	1.659	1.500	1.564
Mandioca	1.020	800	*325	12	10	5	12	12	17
Banana	250	150	**150	162	112	112	648	747	747
Café	1.600	1.000	1.000	1.070	650	1.200	668	650	1.200

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 27 - Número de animais município de Espigão d' Oeste, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	42.975	46.580	50.488	54.730
Bubalinos	90	97	102	122
Equinos	900	954	1.097	1.262
Muare	815	863	906	1.015
Suínos	25.200	31.147	38.497	47.736
Ovinos	220	231	238	274
Caprinos	115	128	141	163
Aves	96.922	100.218	104.718	109.954

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

A produção pecuária de Espigão d' Oeste registra, em 1989, 2.586 mil litros de leite; 277 mil dúzias de ovos e 17.172 kg de mel de abelha (Levantamento... 1990).

TABELA 28 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Pimenta Bueno, no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	11.316	2.962	5.290	16.974	4.384	7.829	1.500	1.480	1.480
Feijão	9.130	9.830	8.943	4.930	4.129	5.813	539	420	650
Milho	10.300	7.330	7.080	16.480	10.423	10.067	1.600	1.422	1.422
Mandioca	2.940	1.440	*1.440	35	23	19	12	16	13
Banana	1.140	320	**320	1.026	288	288	900	900	900
Café	80.416	5.290	5.290	5.801	6.348	4.232	689	1.200	800

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 29 - Número de animais município de Pimenta Bueno, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	72.517	78.601	85.196	92.353
Bubalinos	2.300	2.484	2.608	3.130
Equinos	6.619	7.016	8.068	9.279
Asininos	220	116	120	131
Muare	3.920	4.155	4.363	4.887
Suínos	26.478	32.726	40.449	50.157
Ovinos	1.028	1.079	1.133	1.303
Caprinos	6.950	7.784	8.562	9.847
Aves	152.165	157.354	165.281	172.679

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989).

No ano de 1989, estão registradas as seguintes produções : 4.373 mil litros de leite; 436 mil dúzias de ovos e 1.030 kg de mel de abelha. (Levantamento... 1990).

TABELA 30 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Rolim de Moura, no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	19.200	9.043	5.300	28.800	16.277	7.950	1.500	1.800	1.500
Feijão	14.730	11.116	8.100	8.007	6.669	4.860	541	600	600
Milho	15.158	10.600	9.100	23.621	15.900	14.560	4.558	1.500	1.600
Mandioca	1.594	798	*798	21	14	14	13	18	13
Banana	356	400	**200	303	340	170	851	850	850
Café	19.580	15.000	18.000	14.856	9.750	25.200	758	650	1.400
Cacau	500	100	100	190	50	50	580	500	500
Algodão	1.283	1.620	-	1.560	1.944	-	1.215	1.200	-

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 31 - Número de animais município de Rolim de Moura, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	48.070	56.357	49.166	57.696
Bubalinos	286	308	324	388
Equinos	2.615	2.771	3.187	3.665
Asininos	108	114	118	128
Muares	2.400	2.544	2.671	2.992
Suínos	60.713	67.086	50.330	63.065
Ovinos	285	299	314	361
Caprinos	470	526	579	665
Aves	408.861	441.783	347.885	362.672

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

As lavouras nos municípios novos como Santa Luzia d'Oeste, Nova Brasilândia d'Oeste e Alta Floresta d'Oeste (Tabelas 32, 34 e 35) contrastam com a tendência geral do Estado em relação a alguns produtos. A área de café cresceu em todos os casos; 358%, 131% e 159%, respectivamente aos três

municípios citados. Em Santa Luzia e Alvorada, a área de feijão aumentou em 181% e 477%, respectivamente, bem como o milho (30% e 167%) e mandioca (108% e 461%). Também merece destaque a área de banana, em Santa Luzia, com um aumento de 98%. (Levantamento... 1990).

TABELA 32 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Santa Luzia d' Oeste, no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	6.560	4.344	1.476	9.184	7.298	2.480	1.400	1.680	1.680
Feijão	2.571	3.620	7.240	1.440	3.042	6.082	560	840	840
Milho	4.470	5.068	5.828	7.599	9.700	11.155	1.700	1.914	1.914
Mandioca	312	651	*651	4	11	11	13	18	18
Banana	187	362	**362	164	271	272	877	750	750
Café	1.041	3.982	4.778	783	4.300	5.160	752	1.080	1.080

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

A pecuária também se desenvolveu nos novos municípios, como mostram as Tabelas 33 e 36.

TABELA 33 - Número de animais município de Santa Luzia d' Oeste, no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1987	1988	1989
Bovinos	14.463	16.956	20.043
Suínos	26.453	18.344	22.839
Aves	96.200	102.527	107.552

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

Em Santa Luzia d' Oeste foram produzidos 1.236 mil litros de leite e 272 mil dúzias de ovos, em 1989 (Levantamento... 1990).

TABELA 34 - Área, produção e rendimento médio dos produtos agrícolas do município de Nova Brasilândia d' Oeste, no período de 1988 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)		PRODUÇÃO (t)		PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)	
	88/89	89/90	88/89	89/90	88/89	89/90
Arroz	2.980	1.192	5.662	2.265	1.900	1.900
Feijão	6.000	4.800	4.200	3.360	700	700
Milho	4.225	3.250	6.760	5.200	1.600	1.600
Mandioca	170	*170	3	3	16	16
Banana	56	**56	50	50	893	893
Café	4.987	11.520	4.000	11.520	802	1.000

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 35 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Alta Floresta d' Oeste período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	5.375	2.860	1.773	8.063	4.576	2.837	1.500	1.600	1.600
Feijão	2.530	12.177	14.612	1.349	7.306	8.767	533	600	600
Milho	5.350	4.000	2.000	8.560	6.400	3.200	1.600	1.600	1.600
Mandioca	178	1.000	*1.000	3	16	16	17	16	16
Banana	260	250	**250	209	200	200	803	800	800
Café	1.019	2.200	2.640	740	2.640	3.168	726	1.200	1.200

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha.

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 36 - Número de animais município de Alta Floresta d' Oeste, no período de 1986 a 1989.

REBANHO	1987	1988	1989
Bovinos	15.072	17.670	20.745
Suínos	23.815	26.551	32.976
Aves	116.738	126.071	132.501

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989).

Alta Floresta, registrou uma produção de 981 mil litros de leite e 335 mil dúzias de ovos, em 1989 (Levantamento... 1990).

5.6. Vilhena-Colorado d' Oeste

Embora representando situações de exploração agropecuária distintas, Vilhena, Colorado, Cerejeiras e Cabixi formam a região sul do Estado e tem um importante peso na atividade econômica.

Vilhena ainda possui muitas indústrias madeireiras, mantendo a condição de polo regional. A agricultura mecanizada e com tecnologia moderna já se firmou como opção de cerrado e seu crescimento está condicionado às soluções para os problemas de escoamento e comercialização das safras. No município predominam os solos pobres típicos de cerrados, que exigem calagem e adubação para o desenvolvimento das culturas. A soja, arroz e milho são as opções mais frequentes dos produtores. Alternativas como cebola e batatinha, também tem sido lembradas, mesmo porque algumas experiências de pesquisa já demonstraram viabilidade para o cultivo dessas espécies. A pecuária é explorada em escala extensiva e algumas concentrações do rebanho podem ser identificadas, como é o caso da região de "Chupinguaia". A aceleração do desenvolvimento rural do município pode ser visualizada através das seguintes frentes: consolidação da agricultura tecnificada do cerrado; tecnificação da pecuária através da melhoria das pastagens e cuidados sanitários; criação de um polo de reflorestamento com espécies comerciais de rápido crescimento e mercado garantido na indústria madeireira local e consolidação da atividade hortifrutigranjeira junto a sede do município.

A Tabela 37 contém as estatísticas dos principais produtos de Vilhena, existindo ainda produções de abacaxi, amendoim, melancia, tomate, cacau, citros e mamão.

A soja representa a tendência de aumento da área, contrastando com os demais produtos. Porém o plantio, iniciado no final de 1990, reverte essa tendência, reduzindo em muito a última cifra, de 1989/90.

TABELA 37 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Vilhena, no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	29.000	8.500	2.000	51.030	17.850	4.200	1.759	2.100	2.100
Feijão	2.142	600	600	1.450	360	360	676	600	600
Milho	5.000	1.000	1.000	10.500	1.800	1.800	2.100	1.800	1.800
Mandioca	2.000	500	*500	34	8	8	17	16	16
Banana	580	500	**100	514	350	70	886	700	700
Café	739	380	80	775	266	48	1.048	700	600
Soja	1.700	7.000	9.000	3.050	14.700	18.000	1.794	2.100	2.000

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

Na Tabela 38, destaca o rebanho bovino, que cresceu 82% no período. A suinocultura já apresenta tradição no município e o crescimento do rebanho é registrado (80%).

Colorado, Cerejeiras e Cabixi representam a situação de agricultura muito semelhante à desenvolvida junto ao eixo da BR 364, com alternativas e soluções semelhantes. Muitas áreas em fase ainda inicial de colonização garantem uma produção de grãos e café em crescimento. Nas áreas mais antigas, a introdução de pastagens tem sido a opção mais aceita pelos produtores. Predomina a tendência geral de perdas das áreas de lavoura para a pecuária. Uma das consequências foi o desenvolvimento de uma bacia leiteira no Colorado. A presença

de cooperativas vem se destacando como forma de dinamizar a agricultura da região. A presença de um complexo agroindustrial praticamente parado, ilustra as dificuldades que um empreendimento dessa natureza pode enfrentar. Previsto para operar com arroz, café, milho e mandioca, a indústria não chegou a utilizar sua capacidade instalada, por problemas de diversas ordens, onde o custo financeiro parece ter desempenhado o papel maior. A recuperação desse parque industrial, através do saneamento financeiro e garantia de gerência eficaz, pode representar um importante fator para o desenvolvimento da região. Da atividade desse complexo, se poderia derivar o fomento das culturas envolvidas, criando um mercado para as matérias-primas e viabilizando a exportação de produtos elaborados, com melhor condição de competição, em termos de preços relativos.

TABELA 38 - Número de animais município de Vilhena, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	66.354	82.841	94.292	120.694
Bubalinos	135	152	168	200
Equinos	1.128	1.128	1.420	1.562
Asininos	40	48	56	60
Muare	327	457	512	550
Suínos	9.531	12.260	13.731	17.164
Ovinos	228	290	240	300
Caprinos	309	356	360	459
Aves	104.148	202.847	162.277	175.184

Fonte: Levantamento... (1986, 1987, 1988, 1989).

Outra atividade que chegou a ter expressão de destaque, foi bananicultura. A exportação de banana-maçã para o centro-sul, abriu um mercado atrativo e muitos bananais foram plantados. Problemas posteriores de preço, inclusive a pauta irreal estabelecida para a cobrança do imposto, ao lado da ocorrência de doenças, comprometeram a continuidade do cultivo da bananeira na região.

O relevo mais acidentado de parte dos solos dessa região representa problema especial em termos de erosão. A intensificação do uso em agricultura não pode ser feito sem um adequado programa de manejo e conservação dos solos. Grandes áreas poderão ser destinadas ao reflorestamento e exploração agroflorestal, viabilizando uma renda adequada, sem comprometimento para a sustentação da fertilidade dos solos.

Colorado d' Oeste apresenta um dos melhores exemplos da substituição das lavouras pela pecuária (Tabela 39 e 40). A mandioca teve a área reduzida em 85%, banana 80% e para as lavouras de arroz, milho e feijão os percentuais também estão acima de 60%. O avanço do rebanho bovino está representado por um crescimento de 72% e a suinocultura, já tradicional, aumentou 105%. Para as aves foi registrado um incremento de 575%.

TABELA 39 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Colorado d' Oeste no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	18.510	9.000	6.800	22.182	13.500	10.200	1.198	1.500	1.500
Feijão	21.915	6.000	9.000	8.876	3.600	5.400	405	600	600
Milho	27.724	10.000	10.400	42.606	18.000	21.840	1.536	1.800	2.100
Mandioca	3.760	600	*600	60	10	10	16	16	16
Banana	5.792	2.700	**1.190	4.304	2.530	714	743	937	600
Café	7.642	2.800	1.200	4.952	1.680	720	647	600	600
Cacau	495	350	500	297	350	450	600	1.000	900

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

Produções de abacaxi, amendoim, cana-de-açúcar, melancia, tomate, côco da Bahia, citros e mamão, também tem registro em Colorado d' Oeste, Cerejeiras e Cabixi, além dos produtos constantes dos quadros abaixo.

TABELA 40 - Número de animais município de Colorado d' Oeste no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	41.655	54.151	62.304	75.550
Bubalinos	—	—	1.100	1.116
Equinos	2.341	2.426	2.717	1.920
Asininos	—	—	138	159
Muare	1.065	1.102	1.213	990
Suínos	20.268	34.348	37.200	41.581
Ovinos	—	—	700	690
Caprinos	—	—	937	900
Aves	36.597	40.256	236.632	247.055

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

A produção de leite em Colorado d' Oeste, alcançou 5.198 mil litros de leite e 674 mil dúzias de ovos, em 1989 (Levantamento... 1990).

Cerejeiras também mantém a tendência de queda nas áreas de lavouras mais importantes, à exceção do feijão, que permaneceu praticamente estável, (Tabela 41). A redução da área do café chegou a 83%, enquanto que o crescimento dos rebanhos foi acentuado: bovinos com 311%; suínos com 691% e aves com 4.459% (Tabela 42).

TABELA 41 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Cerejeiras, no período de 1987/90.

PRODUTO	ÁREA (Ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (Kg/Ha)		
	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90	87/88	88/89	89/90
Arroz	13.964	8.750	3.810	20.917	15.750	6.858	1.497	1.800	1.800
Feijão	4.857	3.974	4.572	2.177	1.987	2.286	448	500	500
Milho	9.790	10.500	6.020	15.122	18.900	14.448	1.554	1.800	2.400
Mandioca	2.797	800	*450	45	13	7	16	16	16
Banana	1.307	927	**200	1.221	881	120	934	950	600
Café	5.529	2.701	945	4.576	1.192	425	827	441	450
Cacau	68	34	34	63	31	31	926	900	900

Fonte: Levantamento... (1988, 1989, 1990).

* Produção em 1.000 t e produtividade em 1.000Kg/Ha

** Produção em 1.000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

TABELA 42 - Número de animais município de Cerejeiras, no período de 1986/89.

REBANHO	1986	1987	1988	1989
Bovinos	18.136	22.960	59.626	74.620
Bubalinos	—	600	520	650
Equinos	1.506	1.700	1.900	2.050
Asininos	456	470	491	526
Muares	902	1.133	1.200	1.248
Suínos	3.290	4.450	20.700	26.050
Ovinos	—	120	2.200	2.415
Caprinos	—	210	1.350	1.148
Aves	4.716	22.078	189.400	215.010

Fonte: Levantamento... (1987, 1988, 1989, 1990).

No Cabixi (Tabela 43) se reduziu a área de arroz e milho (26% e 31% respectivamente) mas para o feijão houve um aumento (111%), bem como para o café (19%).

TABELA 43 - Área, produção e rendimento médio de produtos agrícolas do município de Cabixi, no período de 1987 a 1990.

PRODUTO	ÁREA (Ha)		PRODUÇÃO (Ha)		PRODUTIVIDADE (Ha)	
	88/89	89/90	88/89	89/90	88/89	89/90
Arroz	3.900	2.400	9.680	3.360	2.482	1.400
Feijão	1.000	2.100	420	882	420	420
Milho	5.024	3.500	9.043	6.300	1.800	1.800
Mandioca	160	*175	3	3	16	16
Banana	950	**700	570	420	600	600
Café	230	2.750	184	2.200	800	800

Fonte: Levantamento... (1989, 1990).

* Produção em 1000 t e produtividade em 1000Kg/Ha

** Produção em 1000 cachos e produtividade em cachos/Ha.

As estatísticas para os rebanhos aparecem em 1989, registrando: 11.900 bovinos; 951 equinos; 50 asininos; 420 muares; 11.225 suínos; 150 ovinos; 250 caprinos e 78.000 aves. A produção de leite alcançou 1.011 mil litros e os ovos somaram 204 mil dúzias (Levantamento... 1990).

6. SUGESTÕES DE PROGRAMAS DE APOIO À PRODUÇÃO RURAL PARA UMA AÇÃO DE GOVERNO

Dentro de um enfoque de aumento da produção e da produtividade, como consequência da racionalização das explorações e viabilização de oportunidades de comercialização, são listados oito programas básicos.

A estratégia de execução se daria dentro de um modelo matricial, onde os produtos ou problemas recebem a atenção de diferentes programas. Por exemplo, o café poderia ser atendido pelos diversos programas, dentro dos objetivos de

cada um, mas sempre buscando concentrar esforços para melhoria da renda do produtor. Da mesma forma, apenas um programa poderia atender vários produtos.

As sugestões de programas são preliminares e se compõem do título, objetivo e algumas considerações orientadoras das possíveis estratégias de execução. A intenção é expor algumas sugestões que possam ir ao encontro dos programas ventilados ao longo desse documento, de forma a viabilizar soluções que criem processos, evitando paliativos.

6.1. Programa integrado de produção de sementes

Objetivo: criar um sistema integrado de produção de sementes no Estado, viabilizando um segmento de agricultores produtores de sementes e sustentando uma oferta emergencial de sementes melhoradas aos pequenos produtores carentes.

Como pontos importantes desse programa estão a dinamização da Comissão Estadual de Sementes e Mudanças (CESM), a estruturação de um projeto especial de produção de sementes básicas no Estado, pela EMBRAPA e a criação de oportunidades para produção de sementes fiscalizadas através de cooperativas e produtores independentes.

6.2. Programa integrado de produção de mudas selecionadas

Objetivo: criar um sistema integrado de produção de mudas selecionadas no Estado, viabilizando um segmento de agricultores viveiristas e sustentando uma oferta emergencial de mudas melhoradas aos pequenos produtores carentes.

Da mesma forma que no programa anterior, valem as considerações feitas, envolvendo as mudas. A estruturação de uma rede de jardins clonais (oferta de material botânico para enxertia), jardins de sementes e mudas de materiais elite constitui apoio fundamental. O incentivo a formação de viveiros comunitários deveria ser expandido, de forma a atingir as pequenas comunidades de produtores, com menor acesso a comercialização normal.

6.3. PROGRAMAS DE POLOS AGROPECUÁRIOS PREFERENCIAIS

Objetivo: concentrar as ações de apoio em polos de maior aptidão produtiva, visando a maximização das atividades de produção e oportunidade de comercialização dos produtos.

As ações seriam desenvolvidas de forma integrada pelos órgãos governamentais. São iniciativas maiores para os polos de produção: criação de unidades de demonstração de tecnologia modernas; assistência técnica especialmente treinada na atividade; oferta de sementes e mudas selecionadas ou reprodutores melhorados; viabilização de linhas de crédito; criação de um sistema de informação de preços associados; oportunidades de comercialização. São alguns exemplos de polos possíveis: produção de café de tipo superior; produção de látex centrifugado; citros; guaraná; algodão; urucu; cupuaçu; banana; culturas anuais; fruteiras regionais; coco; reflorestamento; gado de leite, suínos; aves e peixes.

7. CONCLUSÃO

Os contatos com setores produtivos, tendem a indicar uma tendência de avaliação pessimista da situação rural de Rondônia. Porém, quando se visualiza um cenário ao nível mais geral, aspectos muito positivos se destacam. Existe uma estrutura de produção instalada e assentada sobre um sistema fundiário onde predominam as propriedades de porte médio ainda abrigando a maior parte da população do Estado. Sistema de estradas é bom, quando se compara com situações comuns aos núcleos de colonização de outros tempos e mesmo outras regiões. Temos um processo de urbanização acelerado com vantagem de fazer crescer o mercado interno para os produtos, criando novas alternativas e diminuindo dependência dos centros de consumo tradicionais, para os produtos agropecuários. As terras de média e boa fertilidade existentes no Estado, é patrimônio ainda pouco explorado. Finalmente, somos parte do trópico úmido, onde as condições de água, luz e temperatura são vantagens para a agricultura mesmo quando se considera os problemas de pragas e doenças que podem ser críticos.

Portanto, as dificuldades são, em muito, de ordem circunstancial e a capacidade de encontrar as soluções adequadas é tarefa de todos e porta de entrada para o desenvolvimento.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 1987.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 1988.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 1989.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 1990.

